



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**Joanício Marques de Sousa**

**Roberto Veiga da Silva**

**A REVOLTA DOS CATRAIEIROS NO RIO OIAPOQUE E A INFLUENCIA DO  
COOPERATIVISMO NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA.**

Oiapoque-AP  
2019

**Joanício Marques de Sousa**  
**Roberto Veiga da Silva**

**A REVOLTA DOS CATRAIEIROS NO RIO OIAPOQUE E A INFLUENCIA DO  
COOPERATIVISMO NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em História como requisito final para a obtenção do grau de Licenciada Plena em História pela Universidade Federal do Amapá - Campus Binacional.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elke Daniela Rocha Nunes

Oiapoque-AP  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca do Campus Binacional da Universidade Federal do Amapá**

**Sr Sousa, Joaúcio Marques de.**

**A revolta dos catraieiros no rio Oiapoque e a influência do cooperativismo na fronteira Franco-Brasileira / Joaúcio Marques de Sousa ; Roberto Veiga da Silva. - 2019.**

**60f.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Coordenação do Curso de História - Universidade Federal do Amapá Campus Binacional, Oiapoque, 2019.**

**Orientador Profª. Drª. Elke Daniela Rocha Nunes**

**1. Associações. 2. Catraieiros. 3. Cooperativas.**

**CDD 334**

**Joanício Marques de Sousa**

**Roberto Veiga da Silva**

**A REVOLTA DOS CATRAIEIROS NO RIO OIAPOQUE E A INFLUENCIA DO  
COOPERATIVISMO NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA.**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Federal do  
Amapá - Campus Binacional, como requisito final para obtenção do  
Grau de Licenciada em História.

Data da aprovação:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

---

Profº. Ms. Alexandre Souza Amaral  
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

---

Profº. Ms. Luiz Gustavo da Silva Costa  
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

---

Orientadora Prof. Drª. Elke Daniela Rocha Nunes  
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

## **DEDICATÓRIA**

Dedicamos este trabalho a todos aqueles que direta ou indiretamente nos impulsionaram diariamente com palavras de apoio, para aqueles que estiveram e estão próximos de nós fazendo parte de nossas vidas e de nossa história.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta etapa, não podemos deixar de mencionar aquelas pessoas que foram tão essenciais na realização deste trabalho demonstrando apoio e compreensão. Em primeiro lugar, não poderíamos deixar de agradecer a Deus pelas dádivas renovadas a cada dia, as nossas famílias por todos os apoios e pelos momentos de descontração e pelos infindáveis abraços e preocupações conosco.

À todos os nossos professores que contribuíram de forma tão significativa em nossa jornada acadêmica. Em especial, agradeço ao nossa orientadora, Professora Elke Daniela Rocha Nunes, pelas pacientes respostas às nossas desesperadas perguntas, pela orientação nos momentos de aflição, pelos ensinamentos repassados com tanta paciência e pela oportunidade em realizar este trabalho.

Nosso muito obrigado! Aos nossos amigos da turma 2014.1 que foram tão essenciais nesta etapa, obrigada pela amizade e pela ajuda emocional e acadêmica e por todas as palavras de incentivo que sempre recebemos de todos.

Aos catraieiros e ao ex-prefeito do município de Oiapoque, que foram entrevistados e, que de maneira muito gentil e solidária dedicaram um pouco de seu tempo para responder às nossas perguntas e, que se dispuseram em nos receber e nos auxiliar com a coleta dos dados necessários para nosso trabalho.

Nosso agradecimento a todos e, nosso muito obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema “A Revolta dos Catraieiros no Rio Oiapoque e a Influência do Cooperativismo na Fronteira Franco-Brasileira” tendo como principal objetivo analisar o movimento que deu origem a esta revolta, fazendo considerações de como o associativismo e o cooperativismo foram importante na conquista dos interesses defendidos pelo movimento ocorrido no dia 09 de janeiro de 2012, na divisa entre o município de Oiapoque no estado do Amapá com a cidade de Saint George na Guiana Francesa. O Movimento em análise é o reflexo do descontentamento da categoria com o tratamento autoritário recebido por parte da polícia francesa. A categoria dos catraieiros revoltada com o impedimento de exercer sua atividade no transporte de passageiros no rio Oiapoque, resolveu unir as cooperativas e deliberou pelo movimento de paralisação das atividades catraieiras na fronteira, fato que deu fundamento a esta monografia. Na busca de apoio para fortalecer o movimento, os catraieiros pediram ajuda a outras entidades de classe que atuam na área de transportes, as associações de mototaxistas e taxistas decidiram apoiar o movimento após uma grande Assembleia pelo fechamento do rio Oiapoque. Fato que ficou conhecido como “A revolta dos catraieiros”.

**Palavra Chave:** Associações, Catraieiros, Cooperativas, Movimento

## ABSTRACT

The present research has as theme “The Revolt of the Catraieiros on the Oiapoque River and the Influence of the Cooperative movement in the Border Franc-Brazilian,” your main objective was to analyze the movement that gave rise to this revolt, making considerations such as the creation of associations and cooperatives were important in the conquest of the interests defended by the movement in day 09 of January 2012, on the border between the municipality of Oiapoque in Amapá state, with the city of Saint George in French Guiana. The Movement analysis is the reflection of the discontent of the category with the treatment of the authoritative received on the part of the French police. The category of catraieiros but with the impediment, to exercise their activity in the passenger transport on the river Oiapoque, decided to join the cooperative and determined by the movement of the stoppage of the activities catraieiras on the border, a fact that gave the foundation the is monograph. In the search for support to strengthen the movement the catraieiros asked for the help of the other class entities that operate in the area of transport, the associations of mototaxi drivers and taxi drivers decided to support the movement after a large Assembly, by the closing of the Oiapoque river. The fact that he was known as “the revolt of The catraieiros”.

Keyword: Associations, Catraieiros, Cooperatives, Movement



## LISTA DE SIGLAS

ABCOOP – Aliança Brasileira de Cooperativas  
ACAIA - Associação Comercial de Industria Do Amapá  
ACI – Aliança Cooperativa Internacional  
ACMO – Associação dos Catraieiros do Município de Oiapoque  
ACO – Associação dos Catraieiros do Oiapoque  
ACOI – Associação Comercial de Oiapoque  
AMIGO – Associação do Migrante do Oiapoque  
ANTAQ – Agencia Nacional de Transporte Aquaviário.  
APFVV – Associação dos Pilotos Fluviais da Vila Vitoria  
ASCATRA – Associação dos Catraieiros Autônomos de Oiapoque  
ASSOPI – Associação Pró-Idosos.  
BANSICREDI – Banco Cooperativo Sicred S.A  
CCIG – Câmara Comercial da Industria da Guiana  
CDL – Câmara dos Dirigentes Lojista  
COMARU – Cooperativa Mista dos Produtos Extrativistas No Rio Itapuru  
COMFCOI – Cooperativa de Transporte e Turismo de Oiapoque  
COMTAXI – Cooperativa dos Mototaxistas de Oiapoque  
COMTOI – Cooperativa Mista dos Taxistas de Oiapoque  
COOPTUR – Cooperativa de Transporte e Turismo de Oiapoque  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
JUCAP – Junta Comercial do Amapá  
OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras  
PMO – Prefeitura Municipal de Oiapoque  
UNASCO – União Nacional das Cooperativas  
PAF – Policia Auxiliar de Fronteira

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>1. ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO.....</b>	<b>12</b>
1.1 - A origem do Associativismo e suas contribuições a Sociedade.....	12
1.2 - As experiências do cooperativismo e do associativismo no Brasil.....	14
1.3 - O Estado do Amapá e a expansão do Cooperativismo.....	16
<b>2. COOPERATIVAS E ASSOCIAÇÕES NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE.....</b>	<b>17</b>
2.1 - Conheça o município de Oiapoque.....	17
2.2 - As Principais Associações do Município de Oiapoque, suas origens e atuação.....	18
2.3 - O surgimento do Cooperativismo no município de Oiapoque.....	22
<b>3. A CRIAÇÃO DO COOPERATIVISMO NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE DA CATEGORIA DOS CATRAIEIROS.....</b>	<b>23</b>
3.1 - A influência do Cooperativismo na qualidade de vida e seus cooperados.....	30
3.2 - Oiapoque - Saint George - Oiapoque a rota de maior fluxo de passageiros que movimenta a economia na fronteira.....	34
<b>4. A REVOLTA DOS CATRAIEIROS: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA PARALIZAÇÃO NO RIO OIAPOQUE.....</b>	<b>36</b>
4.1 - O Fortalecimento do Movimento dos Catraieiros Através do Apoio da Sociedade Civil Organizada.....	43
4.2 - Os principais pontos positivos e negativos do movimento: antes e depois do movimento.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema “A Revolta dos Catraieiros no Rio Oiapoque e a influência do cooperativismo na fronteira franco-brasileira” o seu principal objetivo foi fazer um registro histórico sobre o movimento que deu origem a esta revolta, quais foram as principais motivações e como as cooperativas tiveram influência na mediação do conflito que ocorreu devido ao seu descontentamento com o tratamento autoritário recebido por parte da polícia francesa, onde os trabalhadores impedidos de exercerem suas atividades resolveram unir as cooperativas e deliberarem pelo movimento de paralisação das atividades catraieiras na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. O problema que motivou esta pesquisa busca responder as seguintes questões: O movimento conhecido como a revolta dos catraieiros no Rio Oiapoque, trouxe algum resultado positivo para a sociedade oiapoquense? Como o cooperativismo e o associativismo fortaleceu esse movimento? Quais foram suas contribuições?

O movimento conhecido como a revolta dos catraieiros no rio Oiapoque, teve seu ápice em janeiro de 2012, mas segundo relatos dos próprios catraieiros que vivenciaram essa experiência o movimento veio ganhando força à medida que estes foram impedidos de realizar as travessias de passageiros devido a uma regra imposta pelo governo Frances de não permitir a entrada de brasileiros em Saint-George de La Oyapock, principal cidade que serve como porta de entrada para a Guiana francesa. Esse movimento teve início em 2007 junto com os primeiros passos para o projeto da construção da ponte binacional, onde a PAF (Polícia Auxiliar de Fronteira) que atua no controle da fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, começou a cobrar que todo brasileiro que atravessar a fronteira teria que ter visto da polícia Federal, com isso muitos brasileiros foram presos em Saint-George, e não era permitido que circulassem neste local sem os devidos documentos, o que os caracterizava como clandestino.

No ano de 2009, essa cobrança de documentos intensificou-se e com isso muitas pessoas deixaram de fazer o trajeto de atravessar a fronteira o que trouxe graves prejuízo para a classe, diante disso a categoria começou a se organizar, pedir apoio a outras cooperativas e então no dia nove de janeiro de 2012, resolveu fechar a fronteira. Com suas catraias, ficaram navegando pelo rio Oiapoque no trajeto de travessia da fronteira e clamaram a presença das autoridades para que fosse dado uma solução para o problema que se agravava cada vez mais.

Os conflitos transfronteiriços ocorrem desde a consolidação da fronteira. Dentre os vários principais fatores está a migração ilegal de pessoas, tráfico de mercadorias irregulares e

até mesmo questões de tráfico de drogas e de armas que são constantemente monitorados pela autoridade tanto do Brasil quanto da Guiana Francesa. Neste sentido, existe uma forte vigilância para que estas práticas ilegais sejam combatidas e com isso alguns exageros podem vir a motivar possíveis conflitos.

Sobre tais questões, Nascimento e Tostes (2009) asseveram que

A Zona de Fronteira, portanto, é um espaço peculiar, onde se estabelecem relações transfronteiriça de maior ou menor intensidade de pessoas e mercadorias, cuja circulação dada por movimentos pendulares, constitui-se em uma dinâmica específica dessas populações que procuram aproveitar as vantagens que esse tipo de localização pode proporcionar.

O fluxo diário de pessoas que atravessam a fronteira é o que garante a existência do serviço dos catraieiros no rio Oiapoque, essa atividade contribui para que se estabeleça uma relação de migração entre os dois países, por outro lado não se pode negar que existem os transportes ilegais que atravessam migrantes clandestinos que entram na Guiana Francesa especialmente para trabalhar em garimpos ilegais, por esse motivo os franceses no combate a essas práticas, coloca regras rigorosas no controle da fronteira, mediante essas regras criam-se limites para turistas brasileiros para a sua permanência na cidade de Saint-George.

Para Tostes e Nascimento (2009) os acordos bilaterais são os instrumentos utilizados pelos Estados Nacionais para o aperfeiçoamento das relações com os países vizinhos, no sentido de promover uma maior integração socioeconômica e o desenvolvimento regional, a partir das zonas de fronteira. Inúmeros são os acordos estabelecidos entre o Brasil e os países limítrofes ao longo da faixa de fronteira brasileira. Entretanto, a maioria desses acordos não se refere especificamente às questões das regiões de fronteira e sim a questões gerais entre os países signatários. Um bom exemplo dessa referência é o acordo para a construção da Ponte Binacional sobre o Rio Oiapoque, ligando as duas cidades gêmeas (Oiapoque – Saint George).

A atividade catraieira consiste no transporte de passageiros em catraias, canoas de alumínio movida de motor de poupa, que tem como objetivo fazer o traslado de pessoas que desejam atravessar a fronteira através do rio Oiapoque, esta atividade, segundo Santos (2016) ocorre no município desde que esta fronteira se consolidou em 1º de Dezembro de 1900, quando o Laudo Suíço confirmou o Tratado de Utrecht no ano de 1713. A partir daí até os dias atuais centenas de pessoas cruzam o rio Oiapoque para as mais diversas atividades, seja turística ou para outros fins, tanto da Guiana para Oiapoque ou vice versa.

O limite internacional do Brasil com a França ou com a União Europeia é feito em grande parte pelo curso do rio Oiapoque. Ainda hoje, o rio corresponde a única via de circulação para o transporte de cargas e pessoas nessa porção da fronteira amazônica e, em particular, para articulação entre os dois principais núcleos urbanos: a cidade de Oiapoque no estado do Amapá/BR e Saint- Georges de l'Oyapock na Guiana Francesa/FR. Esse transporte é feito, sobretudo, por embarcações com motor de popa denominadas de catraias, conduzidas pelos catraieiros. (SANTOS et al 2017, p.01)

A atividade catraieira desenvolvida entre as fronteiras do Brasil com a Guiana Francesa sofre com a possibilidade do seu declínio, devido a abertura da ponte binacional que permite que o fluxo de pessoas aconteça via terrestre e com isso menos pessoas utilizem o transporte via marítima o que ameaça de extinção este serviço prestado a muitos anos neste município. A ponte Binacional transfronteiriça que liga a cidade de San George de Oyapock Guiana Francesa com o município do Oiapoque no estado do Amapá. Passa por um processo de dúvidas sobre quais os possíveis impactos socioeconômicos que a ponte que liga as duas cidades de fronteira poderá causar aos catraieiros de Oiapoque.

Para se chegar ao objetivo esperado foi utilizada a metodologia da história oral, que segundo Alberti (2013) se caracteriza por desenvolver projetos de pesquisa fundamentados na produção de entrevistas como fonte privilegiada, reunindo depoimentos para a construção de um acervo para consultas públicas. A elaboração de uma pesquisa utilizando a história oral como metodologia, não é simplesmente sair gravando tudo o que se diz sem ter um norte, uma fundamentação, ou seja, a história oral não é um fim em si mesma, mas um meio de conhecimento, neste sentido ela só se justifica dentro de um contexto de uma investigação científica. Diante disso essa pesquisa se constrói utilizando-se desta metodologia, levando em consideração que é uma pesquisa científica e que a mesma contribuirá como fonte para futuros pesquisadores a respeito do assunto tratado neste trabalho.

Para a realização desta pesquisa foi realizada entrevista diretiva, onde de acordo com as instruções para este tipo de entrevista permite que haja um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado tendo em vista captar a experiência e a visão do entrevistado, de forma que se mantenha a imparcialidade do entrevistador.

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragem, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de suas experiências. Assim convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ligadas ao tema. (ALBERTI, 2013, p.40)

A escolha dos participantes da pesquisa deu-se a partir da sua representatividade mediante a atividade que estes desenvolvem, ou seja, todos os entrevistados são membros das

suas respectivas cooperativas e tem um papel relevante na luta pela manutenção da atividade que representa, nesse sentido segue um breve histórico da trajetória de vida dos entrevistados.

O primeiro entrevistado o senhor Luís Antônio Lobato da Silva, mais conhecido entre os catraieiros como “Ratinho”, com 51 anos de idade, nascido no município de Breves no Pará, é piloto fluvial e exerce a atividade de catraieiro desde o ano de 1989 um ano depois que chegou no município, na sua trajetória de vida o mesmo é ex-militar do exército brasileiro trabalhou como madeireiro na Idáia do Brasil no rio Amazonas em 1987, já trabalhou como garimpeiro e atualmente exerce a função de catraieiro no rio Oiapoque, participando ativamente da cooperativa como membro da diretoria.

O segundo catraieiro entrevistado o Senhor José Ribamar de Souza Brito, conhecido entre os catraieiros com “Girico”, nascido em Santa Helena no Estado do Maranhão em 1963, o mesmo veio para Oiapoque em janeiro de 1989, tendo como profissão motorista, veio com o objetivo de trabalhar no garimpo de Ouro uma atividade muito comum no município na época, em seguida entrou no ramo do comércio, foi motorista de caminhão e hoje encontrou na cooperativa dos catraieiros uma melhor forma de ganhar seu sustento e de sua família, atualmente faz parte do conselho fiscal da cooperativa.

Por fim foi escolhido para participar desta pesquisa o senhor Raimundo Agnaldo Chagas da Rocha, paraense 60 anos de idade, que chegou a Oiapoque no mês de maio de 1986 e desde então trabalha como catraieiro, durante sua trajetória de vida já exerceu diversas profissões, sendo este formado em magistério na cidade de Santarém no Pará onde exerceu a profissão de professor, é ex-militar do exército brasileiro, e como político exerceu o cargo de prefeito de Oiapoque no período de 2009 a 2012, no último ano de seu mandato foi que ocorreu a revolta do catraieiro e ele foi uma pessoa muito importante para este movimento, após o término do seu mandato retorna a cooperativa dos catraieiros, na qual é membro desde a sua fundação.

Após a realização da entrevista, as respostas gravadas foram transcritas procurando se preservar as falas dos entrevistados. Após a transcrição, partiu-se para análise das entrevistas e sobre o que foi falado e procurou-se comparar com ideias de autores que já pesquisaram sobre o assunto, fazendo assim uma análise crítica do que foi apurado.

O desenvolvimento desta pesquisa destaca os conceitos de associativismo e cooperativismo, pelo fato de que os catraieiros do rio Oiapoque estão organizados em quatro cooperativas, são elas: Cooperativa de transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque – COMFCOI, Associação dos Pilotos Fluviaes de Vila Vitória – APFVV, cooperativa de transportes e turismo de Oiapoque - COOPTUR, Associação Valle de Saint-Georges

L'Oyapock. Essas cooperativas e associações são linhas de frente na luta pelos direitos dos seus membros garantindo a estes a realização de suas atividades.

As associações e cooperativas como base na dinâmica dos fluxos, distância/tempo para a realização do percurso e consumo de combustível, estabelecem os valores do serviço do transporte fluvial, podendo ser pago em Real ou em Euro. Essas transações comerciais são peculiares de zonas de fronteiras, pois há a circulação de duas moedas, no caso da fronteira franco-brasileira, o Real e o Euro. Ou seja, através da organização da categoria estabelecem-se regras comuns entre os catraieiros, no que diz respeito a política de preços, controle de fluxo entre outros. (SANTOS et al 2017 P. 03)

O associativismo consiste em um grupo de pessoas com interesses comuns que decidem juntar-se para se fortalecer e com isso desenvolver suas atividades buscando sempre garantir o bem estar dos seus membros, sem que haja fins lucrativos, Lüchmann (2014) afirma que o associativismo é um elemento importante na medida em que desloca as atribuições dos problemas e condições do plano pessoal para o coletivo.

De acordo com Antunes (2015) a experiência cooperativista no Brasil começou no final do século XIX, mas só passou a integrar o contexto legal no Brasil através do Decreto número 799, de 06 de janeiro de 1903. Logo depois, o Decreto 1637, de 05 de janeiro de 1907, reconheceu a existência das cooperativas, mas não atribuiu às mesmas normas próprias e específicas de funcionamento. O autor também define a associação como uma sociedade civil organizada sem fins lucrativos com o objetivo de promover a implementação e a defesa dos interesses dos seus associados e incentivar a melhoria técnica, profissional e cultural dos seus integrantes.

De acordo com Aguiar e Reis (2002) o verdadeiro cooperativismo emerge da solidariedade, do esforço e da iniciativa espontânea dos homens, não de fórmulas preestabelecidas ou de criações de novos meios como as colônias. Portanto, o associativismo pode ser considerado uma doutrina cultural e socioeconômica, fundamentada na liberdade humana e nos princípios cooperativos. Entende-se, portanto, que o ser humano tem necessidade de conviver em sociedade e estar sempre interagindo com seus semelhantes, por esse motivo estão sempre buscando sua autoafirmação sempre por meio de um grupo social seja a família, a igreja, e as associações de objetivos comuns, neste sentido, as cooperativas baseiam-se em valores de ajuda e responsabilidade próprias, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Na tradição dos seus fundadores, os membros das cooperativas acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação pelos outros.

Com base nestes conceitos observou-se no grupo dos catraieiros que desenvolvem suas atividades no município de Oiapoque que essa união é a base necessária para que se estabeleça um grupo forte que seja capaz de lutar pelos seus interesses, portanto a presente pesquisa levanta as seguintes questões como pontos relevantes para o desenvolvimento do tema: como as associações e cooperativas se organizaram ao longo do tempo em Oiapoque e quais seus principais desafios para o desenvolvimento de suas atividades? De que forma esses grupos organizados reagem a questões que dizem respeito as relações entre o Brasil e a Guiana francesa? Como as cooperativas e associações se posicionaram durante ao movimento conhecido como a revolta dos catraieiros no rio Oiapoque? Outra questão relevante é referente a ameaça do serviço destes profissionais com a abertura da ponte binacional. Questiona-se se esta de alguma forma vai intervir no serviço dos catraieiros ou se há possibilidade de se manter o serviço mesmo com a possibilidade da utilização da ponte como principal via de acesso ao Brasil.

A união das cooperativas, seja dos catraieiros como de outros seguimentos da sociedade, foi um fator primordial na revolta dos catraieiros do rio Oiapoque em 2012, isso prova que a força da sociedade civil organizada é capaz de mudar a história em defesa do bem comum.

Nesse contexto, o trabalho se estrutura de forma que no primeiro capítulo, trata dos conceitos de associativismo e cooperativismo de acordo com o modelo desenvolvido no mundo e como este tipo de atividade chega no Brasil e se expande por todos os setores da economia.

O segundo capítulo se restringe em fazer uma análise de como as cooperativas e associações se desenvolvem no município de Oiapoque, e como esta tem contribuído para a organização das classes de trabalhadores autônomos.

O terceiro capítulo, trata da criação e do desenvolvimento do cooperativismo da categoria dos catraieiro no município de Oiapoque tendo como ponto principal de análise como este grupo organizado lutou para manter suas atividades mesmo diante a muitos desafios com relação a Guiana Francesa.

O quarto e último capítulo trata do movimento ocorrido em janeiro de 2012 onde os catraieiros se mobilizaram para obstruir o Rio Oiapoque paralisando o fluxo de passageiros ou qualquer outro tipo de transporte nesta rota, neste sentido, a influência do cooperativismo foi primordial para a mobilização da categoria e o alcance dos objetivos almejados pelo movimento.



Espera-se que esta pesquisa venha contribuir para que momentos históricos como a revolta dos catraieiros não caia no esquecimento ao longo do tempo, mas que através deste registro esse momento da história seja preservado e fique como um importante legado para as futuras gerações que através desta fonte de pesquisa conheça melhor a história do município de Oiapoque e suas relações fronteiriças e como as organizações sociais unidas juntam forças para que o interesse coletivo seja garantido. Nada se constrói sem luta, pois através delas construímos nossa história de resistência e de vitórias.

## **1. ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO**

### **1.1 A Origem do associativismo e do cooperativismo e suas contribuições para a sociedade.**

Ao longo do processo histórico o homem buscou várias alternativas de organização econômica que pudesse unir um grupo de pessoas. Foi nessa perspectiva que surgiu a economia social fundamentada no associativismo, com o objetivo na solidariedade compartilhada nas atribuições dos benefícios adquiridos de forma coletiva. Esses grupos eram formados por cidadãos livres, que passaram a ter força de forma organizada, consistente e consolidada em uma economia popular solidária.

A ideia de unir um grupo de pessoas para se organizarem de forma coletiva em prol de um objetivo comum a todos, deu origem a formação de uma sociedade organizada. De acordo com Aguiar e Reis (2002), a partir do século XVI, sendo impulsionada pela Europa com início na Inglaterra e posteriormente se fortalecendo na França. Nessa perspectiva no campo econômico e social criou-se alternativas de pessoas se organizarem em pequenos grupos com os mesmos propósitos. Esses grupos depois de formados, passaram a ser reconhecidos posteriormente como associações de caráter coletivos de pessoas, pela luta de suas determinadas categorias. O associativismo já existia bem antes do século XVI, algumas pessoas formavam pequenos grupos de indivíduos em busca de melhoria, não se tinha naquele momento uma formação de associação, mas já se tinha uma ideia de luta por um objetivo coletivo. Essa forma de organização que se deu a partir do século XVI já se consolidava de maneira gradativa, por vários grupos sociais que buscavam uma estabilidade econômica a partir deste fortalecimento de uma sociedade que se organizava em busca de seus objetivos.

Ao longo da evolução da civilização, o homem sempre buscou organizar forças para a defesa, a prosperidade e as conquistas de seus objetivos. Em determinados momentos da história, essa organização se estabelece através de clãs, tribos, classes

sociais e instituições, dentre outros. No decorrer da história da civilização, a partir da consolidação do significado de propriedade privada, principalmente da terra, a fixação do homem na atividade produtiva agrícola passou a exigir uma intensificação do processo de organização surgindo, assim, a atividade econômica, fundamentalmente centrada na posse da terra. (AGUIAR e REIS, p. 01).

Rebonato (1985), afirma que com o associativismo fortalecido e consolidado, em meados do século XVI, surge o Cooperativismo. Um sistema econômico baseado em cooperativas, onde cada integrante do grupo cooperado contribuía com algum bem que pudesse ser compartilhado pelo que era proposto pela cooperativa ao qual ele fazia parte.

Essa união de pessoas que formavam pequenos grupos econômicos era constituída por agricultores, artesãos, pescadores, comerciantes, professores entre outros. Cada um cooperava com aquilo que possui, de acordo com a necessidade da cooperativa, como: mão-de-obra, recursos em dinheiro, terras, animais, transporte, tudo aquilo de interesse coletivo. “Os primeiros indícios do pensamento econômico cooperativista estão vinculados a P.C.Plockboy, um holandês radicado na Inglaterra que publicou, em 1659 um ensaio sobre Os Procedimentos que torne felizes os pobres desta nação e outros povos” (PINHO, 1977, p. 74).

Historicamente, podemos destacar que o ser humano vem fazendo ao longo de sua existência a prática do cooperativismo. Essa maneira de formar pequenos grupos em busca de uma ajuda coletiva, que em épocas diferentes, estiveram relacionados com a má distribuição das riquezas, com uma limitação e escassez nas oportunidades sociais, foi o que impulsionou a bandeira de luta por melhorias na qualidade de vida, pela valorização do homem e pelo reconhecimento de uma sociedade organizada em busca de reconhecimento da liberdade social e econômica. O cooperativismo ao longo dos anos fortaleceu-se pela união de seus cooperados e formou a base fundamental do cooperativismo moderno. Essa forma de unir forças, busca despertar os interesses dos seus associados, e mostra quais as maiores necessidades que o grupo precisa, sempre na busca de proteger os interesses das pessoas, de seu trabalho, estimulando-as à fazerem parte de um grupo de cooperados. A cooperação tem como finalidade econômica, reduzindo esforços e custos, buscando ampliar a economia dos associados e, assim, melhorar as condições de vida.

Observa-se que ainda hoje este modelo de Cooperativismo ainda tem grande relevância no cenário econômico e social, onde vários grupos de pessoas que desempenham uma determinada atividade autônoma buscam se organizar em grupos afins para se fortalecerem.

## 1.2 As experiências do cooperativismo e do associativismo no Brasil

Segundo Abrantes (2004) a experiência cooperativista no Brasil tem início no final do século XIX de maneira informal, esta atividade surge a partir de pequenos grupos que se organizavam, copiando o modelo já existente na Europa, a partir do início do século XX, através do decreto nº 799 de 06 de janeiro de 1900. Somente após outro decreto 1637 de 05 de janeiro de 1907 é que as cooperativas foram reconhecidas nacionalmente, mas não garantiam leis específicas para o seu funcionamento, as cooperativas de acordo com Abrantes (2004) seguiam as mesmas diretrizes dos sindicatos, comparando-as como um instrumento de representação da classe trabalhadora, mas ligadas diretamente ao meio político. Com o decreto 22.999 de 19 de dezembro de 1932 as cooperativas ganham forças e romperam os laços que as uniram aos sindicatos, tornando as independentes. As cooperativas a partir de então passaram a defenderem a livre adesão de seus membros, através de uma gestão democrática e a neutralidade política, diferenciada, que fazia com que as cooperativas fossem diferentes as práticas adotadas pelos sindicatos. As práticas adotadas pelos sindicatos, que eram criadas pelas lutas de suas categorias com fins políticos, diferentemente das cooperativas, que lutavam e defendiam seus membros de forma coletiva, por melhorias sociais e econômicas.

De acordo com Abrantes (2004), o sexto congresso brasileiro de cooperativismo que ocorreu em Minas Gerais em 1969 decidiu que ficaria somente um órgão responsável para ser legalmente o representante das Cooperativas no Brasil, após uma fusão da Aliança Brasileira de Cooperativas (ABCOOP) e da União Nacional das Associações das Cooperativas (UNASCO), constituem-se as Organizações das Cooperativas Brasileiras (OCB). Em 16 de outubro de 1971 foi editada a lei 5.764 que dá amparo legal em todo território nacional ao sistema de cooperativas que se organizassem por diferentes e diversas classes trabalhadoras. A OCB criada de fato em 16 de dezembro de 1971 passou a ser a representante legal das Cooperativas do Brasil, com a constituição de 1988 ocorreram mudanças significativas no sistema cooperativista no Brasil, sem a interferência de empresas estatais em seu funcionamento organizacional.

Abrantes (2004) ressalta que foi a partir dessa autonomia que as cooperativas passaram a criar um corpo técnico que fortaleceram esse modelo novo de administração, voltadas para os interesses de seus cooperados. Esse fortalecimento e essa maneira nova de gestão ganhou credibilidade entre as classes operárias e abriu portas dentro do meio financeiro do país, o que possibilitou a criação de um banco de financiamento para as cooperativas o

BANSICREDI (Banco Cooperativo Sicred SA), que se tornou o primeiro Banco Cooperativo privado.

A partir da criação da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) e das normas que garantiam a ela a responsabilidade de gerir o controle de todas as Cooperativas do Brasil começa, então, o aumento das classes trabalhadoras na busca de formação de pequenos grupos cooperados de forma organizada, que passam a integrar esse novo sistema de economia no país, baseado na união de pessoas de forma voluntariamente. Neste novo modelo, as responsabilidades são distribuídas igualitariamente através de normativas estabelecidas estatutariamente, com seus direitos e deveres para todos os membros filiados, objetivando suas aspirações e suas necessidades econômicas, sociais e culturais o que fez este modelo organizacional dar certo em todos os estados brasileiros. Esse sistema organizacional baseado em uma gestão democrática entre seus membros ocorrem sempre em Assembleias Gerais onde escolhem um presidente e sua diretoria para ficar à frente durante um período de tempo de acordo com que rege o estatuto. Vale ressaltar que a escolha é feita por todos os membros e qualquer um que se achar habilitado pode concorrer à presidência.

Segundo Koslovski (1987, p. 10), este sistema organizado em uma gestão democrática funciona da seguinte maneira

As decisões são tomadas em Assembleias Gerais, órgãos supremos das cooperativas, que deliberam democraticamente, em função do princípio majoritário - são as decisões da maioria que prevalecem em sociedades cooperativas, que assim são 'controladas', pelas pessoas que dela participam. A cada associado compete apenas um voto (KOSLOVSKI, 1987, p.10).

Essa participação de todos os associados é o grande diferencial que as Cooperativas e Associações possuem, elas escolhem através de seus integrantes, de forma onde todos tenham direitos iguais ao voto, escolher um representante de dentro do grupo para gerir em prol do coletivo. Essa responsabilidade também não é somente do representante para gerir, existe também o conselho de administração que faz parte da administração eleita que são fundamentais para o funcionamento da Cooperativa. O que relata Crúzio (2002) que a escolha de seus representantes para comandar por um determinado tempo, não quer dizer que os associados devam exercer somente as atividades da cooperativa, eles também podem se dedicar a outras atividades fora da cooperativa.

### 1.3 O Estado do Amapá e a expansão do Cooperativismo

A ideia de cooperação e associação são fundadas nas expressões comunitárias, com foco nas demandas sociais e econômicas, segundo a Declaração sobre a Identidade Cooperativa da Aliança Cooperativa Internacional – ACI (2015) esta afirma que uma cooperativa é uma associação de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, através de uma empresa de propriedade comum e democraticamente gerida.

Observa-se que no Estado do Amapá é muito comum a formação de cooperativas e associações tanto no setor rural como urbano, segundo afirma a Plataforma Socioambiental do Amapá (2016) no Amapá conta-se de um total de 231 organizações com especificidades de cooperativa, especialmente no setor agrícola, onde é muito presente essa ideia de cooperação inclusive com bens de serviço que o cooperado possa dispor pra cooperativa. Este afirma ainda que é necessário superar a cultura clientelista na relação entre Estado e Organizações sociais e com isso garantir o fortalecimento do associativismo e cooperativismo no Amapá.

Sales (2010) diz que a constituição de uma cooperativa se dá quando pessoas munidas de interesses comuns almejam atingir o mesmo objetivo, para isso unem-se em grupos de forma voluntária para gerir democraticamente seu empreendimento, assumindo todos os benefícios e riscos advindos das atividades pela qual a cooperativa se encontra habilitada.

É nesse contexto surgem no Estado do Amapá vários grupos cooperados, sejam estes taxistas, mototaxistas, artesãos entre outros, que desempenham um papel fundamental no movimento econômico dentro dos municípios de todo o estado. Dentre as principais associações podemos destacar a COMARU (cooperativa mista dos produtores extrativista do Rio Itapuru) que ganha destaque na pesquisa realizada por Romarco et.al (2011) publicado na Revista Simpósio, que mostra esta cooperativa como um modelo padrão de organização de cooperados, onde houve um significativo progresso na Vila de Itapuru, no que diz respeito ao aumento da renda familiar dos cooperados. “Cooperativas como alternativa socioeconômica e sustentável de comunidades amazônicas que é o caso da Cooperativa Mista de Produtos Extrativistas do Rio Iratapuru no sul do Amapá.

O Estado do Amapá, em sua grande maioria, constitui-se numa área de floresta, e tem uma região rica em diversidade, pois o Estado tem um dos maiores parques brasileiro e essa reserva ambiental é conhecida como Parque do Tumucumaque. Nesse caso, as Cooperativas

amapaenses buscam se organizar em cima dessas diversidades, procurando extrair da natureza um equilíbrio econômico.

Os grupos dos Cooperativistas Amapaenses procuram viver entre o tradicionalismo e alguns valores modernos, vivendo ao mesmo tempo fazendo uma relação tradicional moderna. Entendemos que o movimento cooperativista no Amapá tem como características em grande parte voltada para a atividade agrícola. No Estado do Amapá os grupos se reúnem e buscam por alternativas na natureza para produzir suas autonomias econômicas e sociais por meio de um sistema organizado, que transmitam uma confiabilidade dos serviços que oferecem aos seus associados e para as pessoas que utilizam a prestação desse serviço. Esse modo autônomo que unem voluntariamente para trabalhar coletivamente e democraticamente e que tornam as cooperativas fortes, participativas e objetivas.

## **2. COOPERATIVAS E ASSOCIAÇÕES NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE**

### **2.1 Conheça o município de Oiapoque**

O município de Oiapoque está localizado na fronteira setentrional brasileira, distante cerca de 600 quilômetros de Macapá, Capital do Estado do Amapá, limita-se com os municípios amapaenses de Calçoene, Serra do Navio, Pedra Branca do Amapari e Iaranjal do Jarí (Santos 2016). De acordo com as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2014, sua área é de 22,625 km<sup>2</sup> e sua população era de 23.628 habitantes, o município está localizado no extremo norte do estado, fazendo fronteira com o município de Saint Georges na Guiana Francesa. Os primeiros habitantes da região são os ancestrais dos povos Waiãpi, que ocupavam extensão territorial do rio Oiapoque dos Galibis e Palikur, concentrados sobre o vale do rio Uaçá e deles afluentes. Em 1907, o Governo Federal criou o primeiro destacamento Militar da cidade, que serviu de abrigo aos presos políticos. Anos depois foi transferido para Santo Antônio, atual distrito de Clevelândia do Norte, com a denominação de Colônia Militar. Oiapoque foi fundada em 23 de maio de 1945, através da lei 7.578 e, seu acesso terrestre com a capital Macapá é pela BR 156 cerca de 600 Km de distância, está situada a 20 minutos de barco da cidade de Saint-Georges del'Oyapock na Guiana Francesa. O município de Oiapoque originou-se da morada de um mestiço de nome Emile Martinic o primeiro habitante não índio do município, conforme citação abaixo que relata a origem do município de Oiapoque.

As origens de Oiapoque estão ligadas às políticas de povoamento, colonização e defesa do território nacional. Os primeiros sinais de povoamento do lugar que hoje é a cidade de Oiapoque, ocorreram no século XIX, através da presença de crioulos guianenses e antilhanos, que ocuparam o lugar dos índios Oyâmpis, que por vez, migraram em direção a Serra do Tumucumaque. O primeiro nome do povoado foi Martinica do Oiapoque. Em 1927 essa denominação foi mudada para Vila do Espírito Santo, por sugestão do Marechal Cândido Rondon, com o intuito de tirá-lo a conotação francesa. Em 1945 com a criação do Município, a Vila do Espírito Santo, como sede municipal, passou à categoria de cidade com a denominação atual: Oiapoque. Atualmente o Município de Oiapoque é constituído, além da sede, por Vila velha do Cassiporé, Taperebá e o distrito militar de Clevelândia do Norte. Grande parte das terras do Município é ocupada pelos parques nacionais: Montanhas do Tumucumaque e Cabo Orange, além das terras indígenas, Uaçá, Galibí e Juminã. (NASCIMENTO e TOSTES p.02).

As origens do município estão extremamente ligadas a uma miscigenação entre povos, de um lado os nativos da região, os presos políticos, militares e do outro lado crioulos guianenses e os emigrantes oriundos de outras partes do mundo, que construíram laços afetivos e familiares com a população nativa. Por trata-se de uma área de fronteira, a cidade de Saint George que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) fica a 20 minutos de barco, tornando-se o maior atrativo econômico da região no transporte de passageiros e cargas pelo Rio Oiapoque com o serviço de barco motorizado que ao longo passou-se a ser chamados de catraieiros.

## **2.2 As Principais Associações do Município de Oiapoque, suas origens e atuação**

De acordo com o Cartório de Registro Público e Tabelionato de Oiapoque,<sup>1</sup> que revendo em seu Cartório de Registros das Pessoas Jurídicas, verificou constar até a presente data do dia 17 de abril de 2018, quinhentas e uma pessoas jurídicas registradas neste cartório, sendo, a primeira registrada neste cartório, a Associação de Proteção a Maternidade e a Infância do Oiapoque, registrada em: 15 de outubro de 1953, tendo como presidente: Roque de Souza Penafort. De acordo com informações dos funcionários do cartório de registro público e tabelionato de Oiapoque Danilo Pereira Coelho, oficial tabelião substituto, esta associação tinha como atividade reivindicar políticas públicas destinadas à maternidade e a infância. A associação oferecia aos seus membros associados assistência social as mães solteiras e as crianças e adolescentes que estavam em situação de vulnerabilidade.

---

<sup>1</sup>O Oficial de Registro Civil das Pessoas Jurídicas e mais cargos anexos da comarca de Oiapoque, Estado do Amapá, República Federativa do Brasil, por nomeação legal, etc., usando das suas atribuições que lhe são conferidas por lei e o requerimento de pessoas interessadas “certifica”.

Dentre as associações registradas podemos destacar a Associação Oiapoquense Pró-Idosos (ASSOPI), fundada em 11 de junho de 1993, que funciona na rua Getúlio Vargas nº 371 no centro no município de Oiapoque no estado do Amapá, tem como atual presidente o Senhor Eliomar José dos Santos. A Associação Oiapoquense Pró-Idosos (ASSOPI), conforme informações do seu presidente Senhor Eliomar, é uma das associações mais atuantes no município que buscam fazer uma atividade de assistência social prestadas em residências coletivas e particulares; atividades de assistência psicossocial e à saúde a portadores de distúrbios psíquicos, deficiência mental e dependência química. No decorrer de nossas observações acerca da associação, descobrimos que a Associação Oiapoquense Pró-Idosos (ASSOPI), participa de encontros de idosos em todo o Estado do Amapá onde são realizados nesses encontros várias atividades físicas, tais como: jogos, danças com o tradicional baile dos idosos e confraternizações entre os mesmos. A associação também mantém, como tradição os encontros entre os associados todos os sábados na sua própria sede, para tratar assuntos referente a associação e as futuras programações. Os seus associados ao final das reuniões realizam atividades de entretenimentos entre eles tais como: jogo de domino, xadrez, dama, dança entre outros.

Outra associação que se destaca pela contribuição ao município e de grande atuação é a Colônia dos Pescadores Zona 03 de Oiapoque, que está localizada na rua Getúlio Vargas nº 656, no bairro Nova Esperança na cidade de Oiapoque no Estado do Amapá, onde exerce as atividades de associações de defesa de direitos sociais! Essa atividade é de suma importância para o desenvolvimento social e econômico do município. A principal função é orientar os pescadores locais e dá subsídios para a elaboração de um plano de manejo que garanta o uso racional dos recursos pesqueiros, atualmente tem como presidente o senhor Júlio Teixeira Garcia que destaca como a principal atividade a pesca artesanal na costa do Amapá. A Colônia também atua como uma entidade voltada para o social, sempre buscando convênios com outras entidades para melhorias no desenvolvimento da pesca e, na busca de benefícios junto as entidades governamentais, destacando o seguro defeso. “é o benefício concedido ao Pescador Profissional Artesanal durante o período de defeso da atividade pesqueira para a preservação da espécie, conforme disposto na Lei nº 10.779, de 25 de novembro de 2003” (Instituto Nacional do Seguro Social).

A Associação dos Artesãos de Oiapoque é uma associação bastante atuante no município, sua data de fundação está registrada em 16 de junho de 2008, fica localizada na avenida Palikur nº 361 no centro do município de Oiapoque no Estado do Amapá, sua atividade é a divulgação do produto local, o artesanato compreende toda a produção resultante



da transformação de matérias primas, com predominância manual, o atual presidente senhor Danilo Farias ressaltou a grande dificuldade que os artesãos vem passando ao longo dos anos em adquirir matéria prima e mão de obra qualificada, pela falta de incentivo dos governantes. O Senhor Danilo que tem como principal atividade o uso da argila, matéria prima para as confecções de seus artesanatos. Ainda de acordo com o atual presidente as proibições de retirada de alguns produtos oriundos da mata como exemplo, tem o cipó titica, madeiras e, até a própria argila tem sido a principal causa da falta de interesse dos artesãos local na fabricação de seus produtos, o que vem causando uma migração para outras atividades comerciais.

A Associação Comercial do Oiapoque, segundo informações da Ex-secretária executiva da referida Associação, Senhora Elenice Meneses, relata que a referida associação passou por um período desativado, retornando suas atividades em meados de 2009, com 17 sócios que formaram a diretoria. No primeiro momento fora-se articuladas e formadas parcerias com diversas instituições e cooperações internacionais, entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa. Uma das maiores preocupações da ACOI (Associação Comercial de Oiapoque) é garantir o desenvolvimento social econômica do município que é uma fronteira estratégica para cooperação mista Brasil/França. A Associação Comercial de Oiapoque tem como atual presidente a Senhora Lima Sebastiana da Silva Campos que afirma que hoje a Associação Comercial resgatou a sua credibilidade diante da sociedade Oiapoquense e, conta-se setenta e seis sócios ativos e parcerias firmadas com a Prefeitura Municipal de Oiapoque (PMO), SEBRAE, Câmara de Dirigentes e Lojistas (CDL), Associação Comercial da Industria do Amapá (ACIA) e Junta Comercial do Amapá (JUCAP). Ainda de acordo com a presidente da Associação Comercial Lima Campos a ACOI participou diretamente da realização da I Feira Internacional de Oiapoque diante das parcerias firmadas com o Governo do Estado do Amapá (GEA), Prefeitura Municipal de Oiapoque (PMO), SEBRAE, Câmara do Comercio e da Industria da Guiana (CCIG), Associação Comercial de Saint George, parque Nacional Regional da Guiana, Prefeitura de Saint George e de Caiena, apoiados pelo governo Guianense.

A Associação dos Migrantes de Oiapoque – AMIGO<sup>2</sup>, tem como atual presidente a Senhora Valéria Cuníco Leal, e sua principal atividade econômica é a defesa de direitos sócias dos migrantes, tem como atividade secundaria a de organizações associativas ligadas a cultura e a arte. Segundo informações do ex-presidente dos Migrantes e sócio o senhor Francisco Leal

---

<sup>2</sup>Tem como data de abertura em 15 de agosto de 1996, estar localizada na Rua: Ulisses Guimaraes, nº 274 no bairro do Planalto na cidade de Oiapoque no Estado do Amapá.

a população do município de Oiapoque é formada na maioria por migrantes este afirma que cerca de 65% da nossa população é formada por migrantes, que vem para construir o município, explica o ex-presidente da Associação dos Migrantes, frisando ainda, que também existe pessoas que chegam ao Oiapoque, iludido pelo ouro e buscam aventuras nos garimpos da Guiana Francesa e Suriname.

Associação de Mototaxistas de Oiapoque (COMTAXI),<sup>3</sup> atualmente é presidida pelo Senhor Walber Calado Ribeiro que assumiu a presidência da COMTAXI, após o Senhor Francisco Moraes Araújo ter renunciado ao cargo de presidente pela sua condição de Vereador Municipal. De acordo com informações do presidente Walber Calado, a Associação de Mototaxistas tem em seu quadro de associados noventa e um sócios efetivos, sendo noventa homens e uma mulher. Ainda conforme relata o presidente a associação presta serviços de cunho social para seus associados, através de liberação de sua sede para eventos festivos e reuniões, assim como, constantemente é realizado cursos de capacitações para categoria.

A primeira associação dos catraieiros a ser registrada no município de Oiapoque, conforme o ofício nº 001/2013-COMFCOI/COOPTUR/APFVV, datado em 20 de março de 2013, Oiapoque/ Ap, assinado pelos seus representantes e presidentes das referidas organizações de classe, senhor Jose Ribamar de Sousa Brito presidente da Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque (COMFCOI), senhor Luiz Antônio Lobato da Silva, presidente da Cooperativa de Transporte e Turismo do Oiapoque (COOPTUR) e senhor Adalto Hipólito Santos Presidente da Associação dos Pilotos Fluviais de Vila Vitoria (APFVV), foi a Associação de Catraieiros de Oiapoque (ACO), que foi fundada pelo Senhor Américo dos Santos Campos em 06 de outubro de 1989, tinha como fundadores 20 pessoas que exploravam o trabalho informal de travessia pelo rio Oiapoque, conhecidos como Catraieiros. Sendo que somente quinze eram ativos que realizam os trajetos de Oiapoque à cachoeira do Marripá, Taparabú. Galibis. Kumarumã. Kumenê, Ariramba, Juminã, Tampak e Saint Georges.

---

<sup>3</sup>Situada na avenida: Barão do Rio Branco nº 520 – Bairro: Centro, no município de Oiapoque no Estado do Amapá, foi fundada em 26 de janeiro de 2000, inicialmente com trinta sócios fundadores, tendo como primeiro presidente o Senhor Antônio Prado Araújo. A Associação de Mototaxistas de Oiapoque (COMTAXI).

### 2.3 O surgimento do Cooperativismo no município de Oiapoque.

A primeira cooperativa a ter seu registro na Junta Comercial do Estado do Amapá (JUCAP)<sup>4</sup>, foi a Cooperativa Mista dos Taxistas de Oiapoque (CONTOI) que foi registrada em 18 de setembro de 1995, localizada na avenida Palikur nº 551 no centro do município de Oiapoque no estado do Amapá e, seu primeiro presidente foi o senhor Manoel Valdez Rodrigues de Souza que atuava especificamente na exploração do serviço de taxi. Ainda de acordo com o documento emitido pela Junta Comercial do Estado do Amapá a segunda Cooperativa fundada no município de Oiapoque foi a Cooperativa de Transportes Fluvial e Terrestre do Oiapoque (COMFCOI), sua sede estar localizada na Av. Karipunas nº 260 no bairro Nova Esperança no município de Oiapoque no Estado do Amapá, o registro de abertura de sua fundação estar datado em 15 de outubro de 2002 na JUCAP. De acordo com os relatos constantes no ofício nº 001/2013-COMFCOI/COOPTUR/APFVV, a reformulação do estatuto de associação para cooperativa, foi feita no dia 17 de junho de 2002, passando de Associação de Catraieiros de Oiapoque (ACO), para a Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque (COMFCOI), com 50 cooperados que faziam parte da ACO.

Em 11 de fevereiro de 2010, outra fusão aconteceu entre duas associações de Catraieiros. A Associação dos Catraieiros do Município de Oiapoque (ACMO) e Associação dos Catraieiros Autônomos de Oiapoque (ASCATRA), juntas fundaram a Cooperativa de Transporte e Turismo do Oiapoque (COOPTUR), com a participações de 75 cooperados. Essa fusão aconteceu após um desentendimento entre os cooperados e a diretoria da COMFCOI. Os motivos relatados pelo senhor Luiz Antônio Lobado da Silva era que a diretoria agia de uma forma que não agradava a um grupo de associados e, por esse motivo ocorreu uma dissidência entre esse grupo e a diretoria. Cerca de doze carteiros que decidiram sair da COMFCOI, descontentes com a presidência e sua diretoria resolveram fundar a Associação dos Catraieiros do Município de Oiapoque (ACMO), por entender que a COMFCOI não representava a categoria por que não citava em sua razão social os catraieiros.

A ACMO foi criada através de um projeto de lei da Câmara Municipal, que só passou a ter legitimidade, após se adequarem as normas da lei nº 10.233, de 5 de junho de 2001, para assim poderem desenvolver as suas atividades em conformidade com o sistema jurídico vigente. O presidente Antônio Lobato relata que somente após a Resolução nº 987 de 14 de

---

<sup>4</sup>Conforme o relatório do cadastro – situação: Ativa – Natureza Jurídica, emitida no dia 06 de abril de 2018 às 10h15min, pg. 001/001.

fevereiro de 2008 / ANTAQ.<sup>5</sup> Aprova a norma para disciplinar o procedimento de fiscalização e o processo administrativo para apuração de infrações e aplicação de penalidades na prestação de serviços de transportes aquaviários, de apoio marítimo, de apoio portuário e na exploração da infraestrutura aluviária e portuária. *(Revogada pela resolução Antaq nº 3259 de 2014)*. Diante do que foi relatado pelo Sr. Antônio Lobato a Associação de Catraieiros do Município de Oiapoque (ACMO), passou a ter sua legitimidade de acordo com a constituição federal e as leis que regem a atividade aquaviária.

De acordo com Fábio Gustavo Alves de Sá, Membro da Advocacia- Geral da União, Procurador Federal, o qual atualmente exerce o cargo de Procurador Regional na Procuradoria Federal junto à ANTAQ, a empresa interessada em exercer atividade de transporte aquaviário, a qualquer título que seja, e ainda que unicamente em seu próprio proveito, deverá ter o seu pedido analisado pela ANTAQ, haja vista que, caso a mesma não se encontre descrita nas exceções previstas legalmente no parágrafo único do art. 1º da Lei 9.432/1997, exercerá serviço público e, sendo serviço público, só poderá desenvolver tal atividade (com ou sem fim lucrativo), com delegação da União, conforme art. 21, XII, da Constituição Federal, art. 1º da Lei 9.432/1997 e arts. 12, I, 13, V, b e 27, V, todos da Lei 10.233/2001, consoante alhures explicitado no decorrer desta manifestação jurídica.

Somente em 12 de julho de 2010 a Associação de Catraieiros do Município de Oiapoque foi oficialmente registrada na Junta Comercial do Estado do Amapá (JUCAP), conforme o relatório do cadastro – situação: Ativa – Natureza Jurídica, emitida no dia 06 de abril de 2018 as 10h15min, pg. 001/001.

À luz de tudo o que foi explanado, resta imperioso concluir que o município de Oiapoque já possui uma rede de cooperativas e associações registradas e consolidadas, o que dá embasamento para a hipótese do presente trabalho, qual seja que a Revolta dos Catraieiros foi desenhada muito anterior ao ano de sua eclosão efetiva.

### **3. A CRIAÇÃO DO COOPERATIVISMO NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE DA CATEGORIA DOS CATRAIEIROS.**

Neste capítulo trataremos de como aconteceu o processo de criação das cooperativas dos catraieiros no município de Oiapoque, suas lutas e dificuldades para que esta categoria pudesse se organizar e buscar amparo legal para o exercício de seus serviços. Na entrevista com o senhor Luiz Antônio Lobato da Silva, atual presidente da COMFCOI, este afirma que o

---

<sup>5</sup>(Agência Nacional de Transportes Aquaviários D.O.U. 20/02/2008).

principal motivo da criação da cooperativa foi devido a necessidade deles se fortalecerem como categoria para se fortalecer e como isso garantir sua estabilidade no exercício de sua função.

Ao questionar sobre os motivos pelos quais os catraieiros fundaram a cooperativa o senhor Luiz Antônio Lobato relata como tudo aconteceu:

Bom, é um dos motivos foi o seguinte, eu fui fundador da primeira associação de catraieiro conhecida mesmo como ACO, Associação dos Catraieiros do Oiapoque, foi criada em seis de outubro de Oitenta e Nove, aí no correr do tempo ela, ela durou um ano, dez anos, perdão, essa associação, dez anos. É em oitenta, e em noventa e nove a gente foi checar as documentações, como era que tava os tributos e o presidente, e os presidentes que passaram pela associação, eles tavam com mais de cinco anos que eles pagaram os tributos, não os declaravam então, a gente foi checar os débitos, tava um valor e que dava pra gente é montar umas duas cooperativas o custo tava um valor muito alto, eu não me lembro bem mais na época tava um, naquele tempo um valor de uns cinco mil reais. (Informação verbal)<sup>6</sup>

Neste trecho da conversa o entrevistado fala das dificuldades obtidas ao longo da história da criação da cooperativa que foi marcada de muitas dificuldades para se firmar especialmente no que diz respeito à gestão dos recursos da cooperativa que ocasionou em dívidas.

Continuando a sua fala o entrevistado relata como foi que eles conseguiram se organizar para sanar o problema da dívida da associação.

Bom, e uma vez eu conversando com um colega que esse colega era um colega lá de Macapá e ele me falou assim! E porque que vocês não montam uma cooperativa que é bem melhor, uma cooperativa tem mais força, tem como vocês adquirir mais recursos pá, pá classe né, eu disse bom, não tenho muito conhecimento sobre cooperativa e ele disse, bom mais tu pode buscar conhecimento e quem sabe isso pra vocês é melhor e era eu e o Piauí que tava na diretoria o Piauí como presidente, eu como vice, eu chamei o Piauí, disse, olha o cara me deu uma ideia assim, assim pra gente criar uma cooperativa, é melhor e tal, ele disse é, é uma boa ideia, só que a gente não tinha conhecimento sobre cooperativa. . (Informação verbal)

Observa-se nesta fala que existia a vontade, ou a necessidade de se organizar como cooperativa com o intuito de favorecer a classe dos catraieiros e até mesmo conseguir financiamentos para manter o serviço, mas estes não tinham conhecimento sobre o que é e como se organiza uma cooperativa, e estes buscaram apoio com outras pessoas que já tinham conhecimento sobre o assunto.

---

<sup>6</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

De acordo com Romarco et. al. (2011) este afirma que os dirigentes das cooperativas devem possuir os seguintes requisitos: espírito cooperativista; conhecimento da filosofia e da história do Cooperativismo, assim como da administração das cooperativas como empresas sociais; conhecimento da economia cooperativista; conhecimento prático do funcionamento da cooperativa e compreensão das operações dos seus negócios; consciência de sua autoridade e responsabilidade, tanto do ponto de vista social como legal; iniciativa e capacidade de decisão; conhecimento da legislação cooperativista vigente, bem como do funcionamento gestor da cooperativa.

Dando prosseguimento à entrevista ainda com o senhor Luiz Antônio este continua sua fala narrando como foram dados os primeiros passos para a organização da cooperativa, buscando apoio em outro grupo de cooperados como apoio para encontrar os caminhos para sua legalização.

“-Ai ele disse, olha tem o Waldez, o Waldez que é da, da associação dos taxis que ele pode nos dar uma informação melhor, buscar o conhecimento para montar a cooperativa, foi que a gente conversou com o Waldez, ele nos informou, mais ou menos como era que a gente teria que fazer, na verdade ele até informou errado e a gente até se atrapalhamos um pouco, ai a gente reuniu a classe e pra classe né que a cooperativa seria bem melhor que a associação, até porque a cooperativa já exerce uma atividade econômica. A gente poderia adquirir mais recursos bancário pra gente construir ou buscar um recurso pra comprar material no caso de as catraias, as canoas, as madeiras, os motor e a classe aprovou, ai a gente fez uma assembleia e a classe aprovou ai, a gente fez uma coleta entre os sócios que a associação não tinha nada, e o presidente não sei o que faziam ai, a gente fez uma coleta entre os sócios e o presidente foi pra Macapá, e ai, a gente batalhou pra caramba pra conseguir essa documentação e no momento não foi possível por que ele foi nos órgãos errados, ai ralou pra caramba, passou um bocado de tempo e foi o tempo que mudou o presidente né, em dois mil e dois mudou de presidente, ai o presidente que foi eleito em dois mil e dois, ele foi até Macapá, ele buscou conhecimento, foi ai que a gente conseguiu a legalizar a COMFCOI em dois mil e dois. (Informação verbal)<sup>7</sup>

Neste trecho o entrevistado fala sobre como eles conseguiram organizar e legalizar a cooperativa, onde se pode observar que não foi muito fácil, por falta de conhecimento sobre o assunto, mas mesmo diante das dificuldades eles não desistem e buscam alternativas até que conseguem legalizar a sua cooperativa, que persiste até os dias atuais mesmo enfrentando muitas dificuldades. Fica claro que a luta para a organização foi árdua, isso aconteceu devida a desinformação sobre o processo de regularização de uma cooperativa, observa-se que houve conflitos pessoais e falta de preparo para os membros da diretoria poder gerenciar o grupo organizado e os recursos financeiros. Conforme se expressa no trecho a seguir:

---

<sup>7</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

nesse período de dois mil e dois a gente teve alguns problemas, um grupo teve alguns problemas com a diretoria, porque a diretoria já queria fazer do jeito deles entendeu, e a gente queria fazer que as coisas funcionasse direitinho, que fosse uma diretoria transparente e por esse motivo que a gente não se entendeu dentro da COMFCOI, nos saímos, um grupo de onze ou foi doze pessoas, parece que foi doze pessoas da COMFCOI e criamos a ACMO - Associação dos Catraieiros do Município de Oiapoque, pra representar a classe, por que como acabou a associação dos catraieiros e fomos já montar uma cooperativa que não fala sobre catraia e uma associação é cooperativa mista de pilotos se eu não me engano lá, sei que tirou o nome da, da classe né, que a associação era representar a classe, então como ela já tava muito enrolada, endividada, não tinha como a gente recuperar entendeu, então ia sair caro, ai a gente criou uma cooperativa, uma outra associação em dois mil e dois, no mesmo ano que a gente legalizou a COMFCOI, nós se afastamos, esse grupo da cooperativa por falta de entendimento né, de grupo lá, a gente se saiu um grupo e criamos a Associação, a ACMO que hoje funciona, é Associação de Catraieiros do Município de Oiapoque, pra representar lá a classe, ai a gente tudo bem, a gente essa ACMO foi criado através de um projeto de lei na Câmara Municipal né, foi feito tudo legal como naquele tempo não, a não tinha as leis fluvial né, que hoje já tem as legislação fluvial, antes não tinha então através do projeto de lei, que seria autorizado pela Câmara pra que a gente pudesse prestar o serviço, ai depois foi criado a lei, através desse projeto de lei foi criado a lei municipal, pra legalizar, autorizar os catraieiros a prestar o serviço né, de forma legal, então, foi em dois mil e oito, surgiu a lei da legislação fluvial que é uma lei federal que criaram desde de dois mil e dois, mas ela veio entrar em vigor em dois mil e oito, ai então, em dois mil e oito surgiu aqui dois inspetores da ANTAQ, que através de informações eles descobriram que teria duas entidades prestando serviço aqui . (Informação verbal)<sup>8</sup>

Ainda na fala do senhor Luiz Antônio este afirma que a “A ANTAQ (Agencia Nacional de Transporte Aquaviário) descobriu que tinha duas entidades prestando serviço que não era autorizada pelo órgão federal, chamaram os catraieiros para conversar e eles informaram que eles teriam que se legalizar pois faziam uma travessia internacional, então como já tinha entrado em vigor a lei os catraieiros foram notificados para que eles se legalizassem, Ratinho organizou toda a papelada, seguindo a lei que a ANTAQ tinha deixado para os catraieiros, esse documento era para eles se legalizasse então com um mês depois Ratinho recebeu um telegrama da ANTAQ informando que a associação e a cooperativa não poderiam ser autorizada, pois não encaixava na lei, pois tinha que ser uma empresa que exercesse atividade econômica.

Esse documento queria saber se realmente a cooperativa poderia ser autorizada como empresa. A agencia informou que sim, nesse caso só a COMFCOI poderia ser autorizada, a associação não, pois não exercia uma atividade econômica. Ratinho: as duas associações a ACMO e a ASCATRA chamou e explicou a situação e informou que havia recebido um ofício e contou a situação, só a cooperativa poderia ser autorizada, então colocou uma proposta se dava para as duas associações se unirem para criar uma cooperativa que poderia

---

<sup>8</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho

se regularizar perante o órgão, pois as duas associações não iria poder prestar serviço. Então os sócios aceitaram a união da ACMO e a ASCATRA e criaram a COOPETUR dia onze de fevereiro de dois mil e dez, quando foi em julho a cooperativa recebeu toda documentação do órgão. Ratinho conseguiu arrecadar toda a documentação das embarcações, preparou toda documentação e mandou pelo correios para Brasília, pagou quase cem reais no correio.

Ainda de acordo com o que foi apurado na entrevista, um mês depois Ratinho recebe um ofício de Brasília que as cooperativas não poderiam ser autorizadas, mandou um ofício para Belém pedindo informações porque não poderia ser autorizada, os inspetores de Belém falaram uma coisa e os de Brasília falavam outra. Ai, foram analisar a situação, então mandaram outro ofício de Belém pedindo desculpa, pois eles não tinham analisado direito e que não poderiam ser autorizado, como não pode, passou o tempo, em 2013 teve uma reforma na lei, na legislação fluvial. Ratinho fez outro documento e enviou novamente, pois havia uma possibilidade das cooperativas serem legalizadas, Ratinho recebeu outro documento informando que não poderia ser legalizadas, não foi possível fazer nada. Na sua fala o entrevistado afirma:

Em 2014 quando Ratinho saiu da presidência teve um problema muito desagradável para a classe pois o presidente havia desviado dinheiro e envolveu em outros negócios que não deveria. Ai foi indicado outro presidente, ai só piorou, de melhorar a atividade de trabalho só piorou onde eles poderiam buscar algum recurso, Ratinho fez até proposta de montar uma agencia para que eles pudessem trabalhar mais organizado, mais a classe não aceitou, ai o presidente que tinha assumido em 2015 decidiu já sair fora das regras, não obedecia a lei, as coisas tinha que ser do jeito dele, não obedecia as leis. As cotas parte que existe dentro das cooperativas e uma poupança que os cooperados chamaram de capital inicial, que existe para os cooperados buscarem recursos nos bancos através de créditos que é investido dentro da cooperativa. . (Informação verbal)<sup>9</sup>

Neste trecho o entrevistado afirma que o presidente começou a usar esse credito para fazer pequenas coisas que não traziam lucros para as cooperativas, o que ocasionou outro desentendimento entre o grupo da ACMO e o grupo da ASCATRA, ninguém se entendia mais, como o Ratinha não tinha fechado a ACMO, tinha deixado ela semiaberta, então teve outra ruptura, pois a ACMO já tinha uma autorização para prestar serviço dentro do município via fluvial e a cooperativa não tem nem federal nem estadual e nem municipal, então não era viável para a classe, pois o atual presidente estava fazendo do jeito dele e não adquirir recurso nem mais, não tinha inteligência para fazer isso, então o grupo da ACMO decidiram pedir o desligamento da cooperativa, a associação já tem uma licença expedida pelo município

---

<sup>9</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.



através da lei 275, pois tem decreto e tudo, pois até hoje as cooperativas não trabalham de forma como tem que ser, eles não ajudam os sócios, não buscam recursos, não faz projetos, não faz nada e sempre e a mesma coisa, de 2002 pra cá já se faz 16 anos, não avançou nada a maioria dos sócios não tem visão, não tem interesse de melhorar nosso trabalho, nossa atividade, buscar uma forma de se legalizar de se trabalhar com mais tranquilidade em pouco, desde então esse foi o motivo deles criarem as cooperativas e voltarem para a associação, pois as cooperativas não tiveram progresso.

De acordo com Amaral (2009) este deixa claro que o principal objetivo de uma cooperativa é comercializar a produção dos seus membros, permitindo que seus cooperados gerem renda e possa reinvestir parte desses benefícios para o bem comum do grupo. Assim, todos os membros das cooperativas são também donos delas. Onde observa-se na fala do entrevistado eles não estavam conseguindo chegar a este objetivo o que prejudicou a cooperativa e contribuiu para que houvesse uma ruptura com alguns membros que decidiram caminhar de forma independente.

Na entrevista com o senhor Jose de Ribamar de Souza Brito, mais conhecido entre os catraieiros como Girico, quando questionamos sobre os motivos que os levou a fundarem a cooperativa este afirmou que um dos principais motivos foi a possibilidade de se organizarem como grupo e com isso ganhar força para benefício de todos os envolvidos.

Em primeiro lugar a fundação, a classe do transporte fluvial dos catraieiros do município de Oiapoque, nós resolvemos fundar uma cooperativa devido à possibilidade do cooperativismo se tornar mais desenvolvido a nível municipal, estadual até a nível federal em termo de organização e também para financiamento através da cooperativa ter mais facilidade e se torna mais respaldado, nesse ponto, a associação é bom mais a cooperativa tem esse lado que abrange a nível municipal, estadual e federal. Esses foi um dos motivos pra que a gente montasse a cooperativa no município de Oiapoque que foi em junho de 2002. (Informação verbal)<sup>10</sup>

Fato confirmado pelo senhor Luiz Antônio Lobato da Silva, mais conhecido como Ratinho, onde ao ser indagado com a seguinte pergunta: o que motivou os catraieiros a fundar a cooperativa da categoria? afirma em sua narrativa que o mesmo foi um dos sócios fundadores da Associação de Catraieiros de Oiapoque (ACO), fundada de acordo com referido ofício citado anteriormente, e que a associação manteve-se ativa por dez anos como associação e que em 1999, após checar a documentação da associação referente aos tributos

---

<sup>10</sup>Jose de Ribamar de Souza Brito, conhecido como Girico, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

pendentes, foi constatado que os presidentes anteriores não pagavam a mais de cinco anos os tributos da associação e que os valores devidos daria para montar duas cooperativas.

Ainda de acordo com o relato do Ratinho, ele teve uma conversa com um amigo que morava em Macapá que sugeriu ao mesmo que montasse uma cooperativa que seria bem melhor, que a categoria ganharia mais força e poderiam adquirir mais recursos para a classe.

Ratinho disse que não tinha conhecimento de como proceder para montar uma cooperativa, o que foi lhe respondido que ele procurasse obter esse conhecimento, foi então que *Ratinho* procurou o senhor conhecido como *Piauí* que era o presidente da associação para que eles criassem uma cooperativa no lugar da associação. Ambos procuraram o senhor Valdez que na época era o presidente da Cooperativa Mista dos Taxistas de Oiapoque para que o mesmo lhe auxiliasse como proceder para criar a Cooperativa dos Catraieiros.

Ratinho relata que o senhor Valdez teria informado de maneira errada como realizar o procedimento solicitado o que causou certo atropelamento nos procedimentos de criação da cooperativa.

Após as consultas e buscas de informações sobre como proceder foi que Ratinho e o Piauí decidiram reunir com a categoria, onde explicaram que caso a associação passasse para cooperativa eles teriam como acessar recursos para a compra de material como equipamentos de embarcações, motores e acessórios de segurança entre outros. A classe realizou uma assembleia onde foi deliberada a mudança da razão social de associação para uma cooperativa. Nessa mesma assembleia foi feita uma coleta entre os sócios e entregue ao presidente que foi a Macapá para regularizar a cooperativa, chegando em Macapá por falta de conhecimento o presidente foi em órgãos errados e por esse motivo naquele momento foi inviável a criação da mesma. Somente em 2002 quando mudou de presidente, o mesmo foi em busca de como proceder para criar uma cooperativa! Em posse desses conhecimentos foi então que a categoria conseguiu legalizar a Cooperativa de Transporte Fluvial e Terrestre de Oiapoque (COMFCOI), que conforme o relatório do cadastro na Junta Comercial do Estado do Amapá (JUCAP), foi a primeira Cooperativa de Catraieiros registrada em 18 de setembro de 1995.

Segundo Amaral (2009) este afirma que processo de criação de uma cooperativa é muito simples, é preciso estar atento para a participação espontânea dos indivíduos, garantindo a democracia entre eles e aos documentos necessários para criação da mesma, este afirma ainda que para se criar uma cooperativa é necessário além de reunir as pessoas interessadas, precisa se fazer a convocação da assembleia geral, a elaboração do estatuto e

após isso eleger a diretoria e seu conselho fiscal e por fim registra-la em cartório oficializando a sua criação.

Jose Ribamar de Sousa Brito, conhecido como Girico, um dos sócios fundadores da Cooperativa, que respondeu: que a classe dos catraieiros fluviais de Oiapoque decidiu fundar uma cooperativa devido à possibilidade do cooperativismo se tornar mais desenvolvido a nível municipal, estadual ou até mesmo ao nível federal em termo de organização e também para buscar financiamento através das cooperativas por ter um maior respaldo. No final da década o grupo decidiu mudar a categoria de associação para cooperativa com 40 associados. Devido esse aumento no fluxo de embarcações nos Rio Oiapoque, realizando o transporte diário de pessoas em embarcações de pequeno porte a Marinha do Brasil no Amapá, realizou em outubro de 1997 o primeiro curso de habilitação marítima para 25 catraieiros no município de Oiapoque.

O que levou os catraieiros a fundar uma cooperativa da classe foi a possibilidade de desenvolver mais a categoria a nível estadual e até mesmo federal, ter uma facilidade maior de adquirir recursos financeiros. A possibilidade de ter uma autorização para realizar seus trabalhos como uma empresa e poderia exercer uma atividade econômica.

Percebe-se nitidamente que através da união de pessoas e, como estratégias bem delineadas e construídas à luz dos princípios cooperativistas as soluções seriam alcançadas com mais facilidade. A disseminação das ideias cooperativistas poderia ser uma grande solução; como comenta Reis Júnior (2006), para melhor distribuição das riquezas, sobretudo nas economias emergentes, como aglutinadores e mediador das pendências sociais e como instrumento disciplinador do crescimento socioeconômico. (SALES, 2010, p.33).

A ideia de cooperativa, como o próprio nome já diz, favorecer o trabalho em equipe para que haja progresso entre cooperados, pois uma sociedade organizada é capaz de produzir mais e ainda ter forças para manter-se de forma coletiva. Uma vez que individualmente torna-se mais difícil a luta pela garantia por direitos.

### **3.1 A influência do Cooperativismo na qualidade de vida e seus cooperados.**

O cooperativismo sem dúvidas contribui para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador, pelo fato de o mesmo estar assegurado com seus direitos garantidos. Essa afirmação fica bem clara na fala dos entrevistados quando lhe é perguntado como a fundação da cooperativa melhorou na qualidade de vida dos cooperados.

Diante da pergunta: com a fundação da cooperativa o que melhorou na qualidade de vida dos cooperados? O senhor Luiz Antônio Lobato da Silva respondeu:

Bom é na fundação da cooperativa que é a COOPTUR, a primeira era Cooperativa dos Pilotos Aquaviários, aí a gente fez uma alteração em 2013 e já mudou, continuou como COOPTUR, mas mais já é Cooperativa de Transporte e Turismo de Oiapoque, aí porque a gente colocou turismo, porque a gente tinha, eu né, tinha uma visão e um sonho da gente comprar uma lancha e de turismo para cooperativa exatamente era para melhoria minha com certeza fazer um trabalho melhor, com certeza a gente ia atrair mais turistas de Oiapoque, isso seria uma renda extra pros sócios, só com uma cooperativa prestando serviço como catraieiro, aí a gente trabalha como pessoas físicas, não é a cooperativa que opera, não é pessoas jurídicas é pessoas físicas, cada sócio trabalha para si, então se a gente tivesse conseguido comprar a lancha, que eu cheguei até fazer o projeto, aí a gente ia ter uma melhoria com certeza de financeira bem melhor, por que aquele valor que a gente paga todo mês de trinta reais é pra despesa geral da cooperativa pagar os tributos, então aquela sobra no final do ano será dividido pros sócios, entre os sócios se sobrasse dez mil reais, se tiver dez sócios, seria mil reais para cada sócio, então seria dividido assim, desde que todos estivessem em dias com a cooperativa, então com o desenvolvimento do trabalho de turismo com certeza iria melhorar muito mais essa renda no final do ano, então eles não aceitaram, aí o que aconteceu a cooperativa até hoje ela não teve melhora nem uma. (Informação verbal)<sup>11</sup>

Observa-se neste trecho da entrevista a visão futurista do sócio onde este propõe a ampliação do trabalho da cooperativa de forma a atrair mais clientes e com isso dar uma melhor rentabilidade para os cooperados, nesse caso os cooperados teriam uma fonte extra de renda oriunda de um barco que trabalharia pra todos, enquanto os membros desenvolviam seus trabalhos individualmente, sendo que no final de um período de um ano todos tinham direito a receber a divisão do total da renda arrecadada.

Neste sentido Amaral (2009) quando trata dos deveres da cooperativa este deixa claro que todos devem contribuir igualmente para a formação do capital da cooperativa. Se a cooperativa for bem administrada e obtiver uma receita maior que as despesas, esses rendimentos serão divididos entre os sócios. Partindo deste princípio a cooperativa é um meio para que todos os membros obtenham êxito de forma igualitária pois os cooperados são os principais foco do objetivo da fundação de uma cooperativa.

Na sua fala o senhor Ratinho relata que os sócios decidiram fundar outra cooperativa, mas com a intenção de expandir as atividades para a área de turismo e poder comprar uma lancha para realizar o transporte de turistas pelo rio Oiapoque e, com isso poder arrecadar mais dinheiro para dividir com os cooperados. Uma espécie de renda extra onde todos

---

<sup>11</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

participassem dos lucros. De acordo com Ratinho, esse foi o principal projeto que levou os catraieiros a fundar outra cooperativa, mas ratinho relata que nem todos os sócios tinha uma visão de melhoria, para a maioria bastava trabalhar no dia a dia e ganhar o seu sustento que já estava bom. Ratinho relata que após sua saída da cooperativa, nada mais se dividiu, as dívidas aumentaram, para muitos associados às coisas só pioraram.

O entrevistado continua sua fala dizendo que a cooperativa foi fundada com o intuito de melhorar a vida de todos os membros, oferecendo-lhes melhores condições de trabalho e lucratividade e de fato após a sua criação os membros embora tendo muitas dificuldades, especialmente na parte administrativa, mesmo assim, os catraieiros garantem que tiveram melhoras na sua qualidade de vida e de trabalho.

A gente fundou com esse propósito de melhorar, mas como os sócios eles não tem essa visão né. É aquelas pessoas que trabalha no dia a dia e só pensa no dia de hoje, não planeja, não tem uma visão do negócio melhorar e, na verdade não houve nem um progresso a mais, nem uma melhoria, inclusive depois que eu sair, até as sobras não foram mais divididas, até hoje eles me passam essas notícias, pois eu não estou mais lá eu sei de tudo porque fui eu que fundou, então eu sei de tudo, não foram mais nem divididos as sobras, então em vez de melhorar só piorou, não tem um recurso, não tem crédito, a cooperativa não tem crédito nem um para oferecer pros sócios, porque o objetivo da cooperativa era crescer seus créditos nos bancos através das cotas partes, que as cotas partes é exatamente para depositar no banco né, na conta da cooperativa, que tipo uma popança, um investimento na verdade isso não aconteceu, então a cooperativa hoje vive praticamente no zero, não houve progresso nem um, não houve melhora nem uma, continua todo mundo trabalhando da mesma forma, se o catraieiro quer comprar uma canoa, motor, seus equipamentos, ele tem que se virar, ele mesmo com sua própria condição né, pra comprar, quando ele não tem, ele obrigado as vezes pegar empréstimo no banco, no crédito pessoal, que a cooperativa não oferece nada, então essa situação foi trabalho que a gente fez sem progresso. (Informação verbal)<sup>12</sup>

Neste trecho observa-se que a cooperativa ainda não conseguiu atingir seu objetivo maior, ou seja, o propósito para qual ela foi fundada, mas esta é muito significativa na vida dos trabalhadores desse seguimento por defender seus interesses coletivos.

José Ribamar de Sousa Brito disse:

Foi uma das principais coisas, foi o conhecimento sobre o cooperativismo porque, cooperar já está dizendo é cooperar, então acrescentou o conhecimento para os cooperados que o conhecimento do cooperativismo porque existe um, porém, não é só dizer eu sou associado, eu sou cooperado, a pessoa tem que saber os direitos e os deveres e esse foi um dos principais conhecimentos que a gente adquiriu após a constituição da cooperativa. (Informação verbal)<sup>13</sup>

<sup>12</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho.

<sup>13</sup>Jose de Ribamar de Souza Brito, conhecido como Girico.

Ainda segundo Ratinho em um momento de desabafo disse que a cooperativa vive no vermelho, os sócios pouco se importam com as questões sociais da cooperativa, não ocorreu nenhum progresso, não houve melhora nem uma para a vida dos cooperados, tudo estagnou e continua do mesmo jeito que antes, todos trabalhando da mesma forma, ou seja, se o catraieiro quiser fazer uma investimento na melhoria do serviço ele tem que arcar com essa despesa, se ele quer comprar uma canoa, motor ou equipamentos para melhorar a qualidade do serviço, ele tem que se programar durante meses e gastar dinheiro do seu próprio bolso, ele passa a agir com suas próprias condições pra comprar e, quando ele não tem, ele é obrigado muitas das vezes a fazer empréstimo no banco e, esse empréstimo é no credito pessoal pois a cooperativa não oferece nada.

Girico relata que a fundação da cooperativa poucos associados quando entraram, não sabiam o significado do que é uma cooperativa, por isso foi difícil no início, mas com muita luta e dedicação por parte de quem estava à frente foi se alcançando o principal objetivo que era fazer com que todos conhecessem o principal objetivo da cooperativa, ainda segundo Girico todos precisavam adquirir este conhecimento e saber de seus deveres e direitos. Para Girico foi então que a partir daí que foi possível os associados passaram a entender, mas sobre cooperativismo e também as próprias pessoas que estavam liderando naquele momento adquiriram a experiência e o conhecimento, após a constituição da cooperativa.

No caso do movimento cooperativo moderno, o conflito social presente em sua base, historicamente, esteve relacionado com a má distribuição das riquezas, as restritas oportunidades sociais, a luta por melhores condições de vida, o reconhecimento da liberdade de organização. Os seus valores eram relacionados ao associativismo, à solidariedade e à cooperação, ao reconhecimento de seus protagonistas como sujeitos, com valor e dignidade. O movimento cooperativo moderno nasceu em função da defesa e da valorização do trabalho humano. (FRANTZ, 2012, p. 12).

Observa-se, portanto, que a ideia de cooperativa traz para os cooperados uma segurança de rentabilidade igual para todos onde há um controle na política de preço das passagens cobradas, da quantidade de passageiros por cooperado, organizando o trabalho de forma que todos tenham oportunidade de desenvolver seu trabalho de forma igualitária sem favorecimentos.

### 3.2 Oiapoque - Saint George - Oiapoque a rota de maior fluxo de passageiros que movimenta a economia na fronteira.

Diante da pergunta: quais as principais rotas dos catraieiros no rio Oiapoque e de que forma essa atividade contribui com a economia local? O Senhor Luiz Antônio Lobato da Silva explica como é organizada as rotas e as políticas de preço praticado pelas cooperativas fixando tabela a ser seguida por todos os trabalhadores do setor, especialmente os que fazem a linha Oiapoque Saint-George.

O Limite internacional do Brasil com a Guiana Francesa é feito em grande parte pelo curso do rio Oiapoque, sendo, portanto uma “fronteira molhada”. Com seus 340 km de extensão, o rio Oiapoque constitui a principal hidrovia que permite as interações de fluxos entre as cidades fronteiriça de Oiapoque – BR e Saint-Georges/Guiana Francesa (SANTOS et al 2017 p. 5)

Neste período a única rota de passageiros entre os dois países faz-se através do rio Oiapoque o que torna o trabalho dos catraieiros essencial para esse tipo de transporte, com isso as cooperativas organizam este trabalho para que todos os envolvidos tenham suas oportunidades. Neste sentido o entrevistado Ratinho afirma;

Bem, as principais rota é via fluvial, na verdade as maiorias das áreas indígenas só dá pra ir de catraia, mas nossa linha principal é Oiapoque-Saint George e Saint George-Oiapoque, ai é de oito anos pra cá, quando surgiu a Vila Vitoria a rota, ai também a Vila Vitoria ficou como uma das principais linhas principal, inclusive até só temos tabela dessas duas linhas, mas a gente faz várias comunidades a gente faz viagem pra várias comunidade na cachoeira, Clevelândia, essas a gente considera como viagem extra, são viagens particular, que onde a gente não tem uma tabela né, porque a gente depende da quantidade de pessoas, depende do tempo que vai passar lá, a gente combina o valor pra essas determinada áreas Galibis a área indígena né Ariramba, Taparabú e Kumarumã e Kumenê, todo esse lugares ai, tem que combinar o preço com o cliente, já o Saint George e o Oiapoque não! Ela tem o preço fixo e é uma linha fixa mesmo, que a gente até coloca no nosso estatuto né, de todas as associações a cooperativa é linha principal é Saint George, agora que já tem a Vila Vitoria, mas a linha principal era Saint George que tem um valor de uma passagem que durante o dia é quinze reais e a noite é vinte reais e no Euro é cinco durante o dia e a noite é sete euros e isso ai funciona para poder as outras áreas também se for a noite o valor e bem maior por causa da responsabilidade e da dificuldade. (Informação verbal)<sup>14</sup>

As principais rotas dos catraieiros no município de Oiapoque segundo narrativa dos próprios trabalhadores, é Oiapoque – Saint George – Oiapoque, e com a abertura do ramal que liga Oiapoque ao distrito de Vila Vitoria localizado em frente a cidade de Saint George,

<sup>14</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho.

aumentou o fluxo de passageiros entre Vila Vitoria – Saint George – Vila Vitoria, essas são as duas principais rotas dos catraieiros do município de Oiapoque. Mas como a maioria das localidades do município tem acesso via fluvial, é realizado este transporte para várias rotas alternativas, como as áreas indígenas, Clevelândia do Norte, Taparabú e alguns pontos turísticos como cachoeira do Grâ-Roche e Ilha do Sol. Neste sentido o senhor José Ribamar de Sousa Brito afirma que:

As principais rotas da nossa atividade do nosso povo catraieiros é o nosso transporte Oiapoque-Saint George e Saint George-Oiapoque, e temos também agora mais a entidade de Vila Vitória que faz Vila Vitória a Saint George e Saint George a Vila Vitória, mas nós catraieiros aqui que convivemos aqui no Oiapoque, principal rota nossa é Oiapoque-Saint George as outras são opcionais pra pontos turísticos. Em relação a nossa economia a gente contribui bem, devido ao nosso consumo de combustível que é uma quantia bem elevada, hoje nós consumimos em média, cada um catraieiro nós temos uma despesa em média de cento e sessenta e cinco reais por dia, na atividade desenvolvendo esse trabalho todos os dias, nós temos a média de cento e trinta catraieiros desenvolvendo essa atividade todos os dias e, além disso, nós temos os mecânicos que entra também em nosso quadro que faz parte do nosso cotidiano que contribui conosco, que nós pagamos os mecânicos, compramos as peças, aqui no Brasil, muitas e muitas a maioria das peças nós compramos aqui no nosso Brasil, então já fica imposto aqui no comercio local, nós compramos peças também em várias lojas aqui nós compramos peças, então, isso gera renda para o nosso município, tem os turistas que nós transportamos que vai, que levamos para as áreas como Chácaras do Paraíso, Chácara do Rona e outras, os restaurantes que nós transportamos os passageiros aqui para o Oiapoque, indicamos os restaurante, que os principais informantes para o turista que chega a nível fluvial no município de Oiapoque o primeiro informante somos nós os catraieiros, ele pergunta a onde tem um restaurante, a onde tem um hotel e nós informamos, então tudo isso faz parte do desenvolvimento informativo e econômico para o município, nós catraieiros somos em certos momentos, somos guias para os turistas e então nós contribuimos com o nosso município, com o povo da nossa cidade, porque em média de trinta a quarenta por cento do desenvolvimento econômico e transportado, a economia do nosso município. (Informação verbal)<sup>15</sup>

Diante do exposto, entende-se que a atividade dos catraieiros tem uma significativa contribuição na economia local uma vez que com o fluxo de turistas aumenta o consumo no comércio, movimentando a rede hoteleira, restaurantes e com isso todos os setores da economia local se beneficia garantindo uma considerável influência na economia do município, seja trazendo turistas para consumirem o produto local, seja consumindo combustível. Os catraieiros tem fazer revisão constante em seus motores, comprando peças nos comércios locais, fazendo manutenção em suas embarcações, assim a economia local fica sempre em movimento de maneira que todos consiga usufruir dos benefícios oriundos deste trabalho.

---

<sup>15</sup>Jose de Ribamar de Souza Brito, conhecido como Girico, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.



#### **4. A REVOLTA DOS CATRAIEIROS: HISTORIA E MEMORIA DA PARALIZAÇÃO NO RIO OIAPOQUE.**

A dinâmica de trabalho dos catraieiros na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa o que a primeira vista parece bem pacata, na verdade é marcado por muitos desafios o principal deles são as regras de política dos dois países que muitas vezes se divergem e o lado Frances assume posturas que atinge diretamente o trabalho dos catraieiros, especialmente no que diz respeito a entrada de brasileiros na Guiana francesa. Foi por esse motivo que houve o fato conhecido como a revolta dos catraieiros em janeiro de 2012.

De acordo com a visão dos catraieiros o movimento de paralisação não aconteceu por um fato isolado, e sim, por um conjunto de situação que vinham ocorrendo desde o ano de 2007 quando a polícia francesa começou a aumentar a vigilância sobre a entrada e saída de pessoas da Guiana francesa, com o objetivo de combater a migração ilegal no território Frances.

Para relatar estes fatos utilizamos como fonte o depoimento de pessoas que vivenciaram os fatos, para tanto, foi adotada a metodologia da história oral que de acordo com Alberti (2004) este método permite desenvolver projetos de pesquisa fundamentados na produção de entrevistas como fonte privilegiada.

Quando perguntamos ao senhor Luiz Antônio Lobato da Silva como foi que surgiu a ideia de fazer esse movimento de paralisação e quais os principais motivos? Obtivemos a seguinte resposta:

Bom os motivos, o primeiro motivo quem ocorreu foi da gente fazer essa manifestação, começou de 2007 quando começou a obra da ponte, veio o projeto logo para começa a obra da ponte, chegou na frente da obra da ponte a polícia pra, a polícia de fronteira de Saint George que é a PAF, que todo mundo já conhece e até teme eles então, ai começou e assim uma situação, assim meio complicada para todos os brasileiros, meio constrangedora, e logo no inicio eles só mexiam, perturbavam os brasileiros estavam circulando nas ruas, quando foi em 2009, ai a situação veio se complicando mais, ai eles já começaram a interferir no nosso trabalho, né, apertaram a fiscalização já que os brasileiros não poderiam mais circular em Saint George, não poderiam pisar mais no solo da Guiana teriam que ter documento, ai os brasileiros a se afastar né, começaram a deixar de ir para Saint George, isso começou a trazer prejuízo pra gente, trazer dano financeiro pra nós, porque ia muito brasileiro fazer compras lá em Saint George. (Informação verbal)<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

Neste trecho da entrevista podemos observar que com a limitação da entrada de brasileiros na Guiana francesa, diminui consideravelmente a quantidade de passageiros que deixam de atravessar a fronteira o que traz prejuízos financeiros para os catraieiros, fato este que já deixa a categoria bastante preocupada e a partir daí já começam a se posicionar contra certas determinações dos franceses, o fato se agravou a medida que a polícia francesas começou a abordar as canoas antes mesmo que estas atracassem no porto de Saint George, o que causou indignação por parte da categoria que decidiu tomar providencias contra esse possíveis abusos de poder, sobre este assunto o entrevistado afirma que:

Já no final de 2009, a polícia já entrava dentro das nossas canoas, antes! Subiam na rampa iam sendo abordado já no final de 2009 a polícia já invadia nossas embarcações sem autorização de nada, sem mandado nem um, se eles percebiam que tinha brasileiros dentro da canoa, eles encostavam na rampa, eles pulavam pra dentro, já iam puxando os brasileiros pra terra como se todo mundo fosse bandido, aquilo foi revoltando a gente, quando foi um belo dia pela manhã, um catraieiros levou sua esposa pra Saint George, ela tava até grávida e o policial entrou dentro da canoa dele e veio puxando pra terra e aquilo ali todos os catraieiros tava ali, se revoltaram com a situação, porque era a mulher de um catraieiro, então a gente foi explicar pra eles lá a situação quem era a pessoa, eles não queria saber, então nessa hora se reunimos todo mundo que tava lá e fizemos um círculo entre esses policial né, deixamos eles encurralados, lá na rampa, e ameaçamos eles, se eles levassem ou se tentassem levar ela nós iria jogar eles na água, nós ia pra porrada lá, falamos pra ele que ia pra porrada, então como eles viram que a gente não tava brincando, eles se afastaram de lá, largaram a mulher e se afastaram, ai a gente numa reunião a gente discutiu o assunto, essa situação foi ficando difícil pra gente, a gente não leva mais cliente, os clientes que a gente leva daqui são os mesmo que a gente trás de lá, são francês que tem papel no Brasil. (Informação verbal)<sup>17</sup>

De acordo com Ratinho o movimento teve início em 2007, com a obra da ponte sobre o Rio Oiapoque, e os problemas se agravaram com a chegada de Policiais Federais para controlar o fluxo das embarcações. Segundo Ratinho a situação piorou em 2009, os Policiais franceses que antes só fiscalizavam a entrada de pessoas irregulares em Saint George, começaram a vistorias as embarcações quando chegavam no porto de da cidade, ele relata que os policiais tratavam os catraieiros com hostilidade, entravam nas embarcações revistando e pedindo documentos ao passageiros, para os catraieiros isso era humilhante, os policiais travam com desprezo e ironia os catraieiros que já não suportando mais as humilhações, partiram para o confronto e em um determinado dia, quando os policiais tentaram tirar a força de dentro da catraia a mulher de um catraieiro, neste dia foi o estopim para os catraieiros, eles partiram para o confronto com os policiais franceses e colocaram eles em um círculo e falaram que se eles não soltasse a mulher do catraieiros, eles iriam pra agressão física e jogar

---

<sup>17</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho.

os policiais dentro do rio, foi então que os policiais percebendo que poderia haver uma grande confusão naquele momento, decidiram soltar a mulher que estava detida.

Dando prosseguimento na sua fala o entrevistado afirma que começaram as conversas dentro das cooperativas para que fosse tomada uma providência para que o problema fosse resolvido e assim os catraieiros retornarem as suas atividades, neste trecho ele relata estes acontecimento:

Não ia mais ninguém, deixaram de ir, ai a gente conversou com os presidentes que a gente se entendia né, que era eu e o Girico que na época tava na cooperativa, a gente se entendia, a gente discutiu o assunto e conversando com o presidente que era da associação do comercio de lá de Saint George, João Rennê, ele achou que a gente deveria fazer uma manifestação pra que resolvesse essa situação e como tinha também um problema nosso dos impactos da ponte , ai a gente o João Rennê, marcou uma reunião em Saint George com os comerciantes lá né, e os representantes da prefeitura e ele como era o presidente da associação do comercio lá, a gente reuniu e conversamos e chegamos num ponto que a gente deveria fazer uma manifestação, só que nessa reunião a gente não finalizou nada né, ai depois eles fizeram uma reunião lá em Saint George, nesse dia eu não fui convidado e determinaram que a gente deveria fazer essa manifestação pra reivindicar nossos direitos, sobre os impactos da ponte, uma compensação e pra que resolvesse de alguma forma a situação sobre os brasileiros que não poderiam subir no solo francês, então foi que ocorreu, então os comerciantes e os donos de restaurantes, os comerciantes em geral, todos apoiaram e aderiram a manifestação, e representante da prefeitura também aderiram, ai eles fecharam o acordo lá, aderiram para que começassem no dia nove de janeiro de dois mil e doze, ai como eu não participei da reunião, a minha cooperativa que eu era o presidente COOPTUR era a maioria a gente tava com setenta e quatro sócios, então nós era a força dos catraieiros, i ai eu protestei com o Girico e com os demais que tavam na reunião, inclusive com o prefeito que as autoridades daqui, todos se envolveram, quase todos, assim municipal, tanto vereadores e prefeito, presidente da ACOI, a Associação Comercial eles participaram dessa reunião lá onde eles decidiram né, que ia fazer a manifestação. (Informação verbal)<sup>18</sup>

Para os carteiros este foi o início do movimento que deu origem a paralisação no rio Oiapoque, Ratinho diz que procuraram o presidente da associação do comercio de Saint George, João Rennê e juntos eles decidiram fazer o movimento:

Então! Deu-se início a várias reuniões entre as duas comunidades, guianenses descontentes e brasileiros começam a articular a paralisação. Os empresários guianenses se sentindo prejudicados pela queda nos movimentos de seus estabelecimento e catraieiros que sentiram o baque na renda diária do transporte de passageiros. A partir daí começaram as rodadas de reunião e, a que decidiu pelo fechamento do rio foi realizada dentro do gabinete do Prefeito de Oiapoque Aguinaldo Rocha. Ratinho disse que não concordou no início porque ele não havia participado e como presidente de uma cooperativa ele se sentiu excluído. Foi então que uma outra reunião foi realizada com a sua presença onde ele expos que os

---

<sup>18</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

associados teriam que ser comunicados primeiro, pois uma decisão como esta os associados não poderiam ficar sem serem comunicados. Após todas as discussões sobre como proceder para realizarem a greve foi que decidiram no dia sete de janeiro de dois mil e doze, as sete horas da noite, em comum acordo todas as entidades decidiram fazer suas assembleias nas suas sedes e a maioria aderiu por unanimidade fazer a paralisação. Foi então que todos os catraieiros no dia nove de janeiro logo ao amanhecer se reunimos e fomos para o rio e deram início ao movimento de paralisação no rio Oiapoque. Embarcações eram proibidas de navegar pelo rio e isso causou vários confrontos entre catraieiros e as comunidades que navegavam diariamente pelo rio. Alguns franceses pediam ajuda aos policiais federais para atravessar o rio e os catraieiros não permitiam o que gerou confronto com trocas de ofensas verbais e ameaças de ambos os lados [...]. (Informação verbal)<sup>19</sup>

Neste trecho é possível perceber que não foi de imediato a concordância em realizar a paralisação, havia uma certa resistência de um grupo sócios da COOPTUR que se sentiram excluídos das discussões conforme trecho da entrevista a seguir, até que este foi voto vencido e mesmo não concordando de imediato aderiu ao movimento juntamente com todas as cooperativas, associações e grupos envolvidos.

[...] como eu não participei não convidaram eu protestei, digo não, a gente não vai fazer essa greve, não vamos fazer essa manifestação, porque a maioria aqui e da COOPTUR e vocês não respeitaram a nossa pessoa, não chamaram nem um representante da COOPTUR, e nós somos a maioria com setenta e poucos sócios e, vocês são a minoria, então não tem ninguém pra passar por cima de nós aqui, se vocês não chegarem num acordo de conversarem com a gente, pra que a gente sente de novo, pra resolver a situação não tem manifestação, aí o prefeito ficou zangado comigo, mandou me chamar pra mim ir lá na prefeitura, tinha um grupo de pessoas lá dentro, então era só eu contra o grupo, chegou num ponto que eu disse a única forma que tem pra nós decidir se a gente faz a manifestação ou não, a gente tem que fazer amanhã ou depois ou hoje, uma assembleia entre todas as entidades para poder decidir entre todos os sócios, se vão aderir a greve ou não, foi aí eu disse assim se a gente decidir sozinho com o presidente, fazer essa manifestação, e algo de errado, vir ocorrer, eu vou responder sozinho, porque nem um sócio, assinou nem um documento aderindo a greve, isso aí eu falei pro Girico lá na beira e o Girico ficou zangado comigo ele até disse, não! Eu decido pelo meus sócios, eu não decido, porque existe uma lei dentro da cooperativa, começando pela lei do cooperativismo e o estatuto e o regimento interno, eu não tenho o poder de decidir só, foi aí que chegou um acordo lá na prefeitura, se eu não me engano foi dia seis de janeiro de dois mil e doze, chegou o acordo da gente fazer uma assembleia no dia seguinte, entre todas as entidades da Vila Vitória, a COOPTUR e a COMFCOI, pra poder decidir sim ou não, se a maioria decidisse que a gente fazia a greve, se a maioria decidisse que não parava com a greve, não funcionaria, aí a gente fez, foi num sábado e todos aderiu, porque o prefeito achou que a gente deveria fazer, porque só assim a gente poderia tentar resolver no caso sobre a ponte, os impactos e a situação de Saint George, então só no sábado dia sete de janeiro de dois mil e doze, as sete horas da noite, todas as entidades fizeram suas assembleias, nas suas devidas sedes e todo mundo aderiu a maioria aderiu por unanimidade a gente aí quando foi

---

<sup>19</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

no dia nove de janeiro a gente, logo cedo pela manhã, todos se reunimos e fomos pro rio. (Informação verbal)<sup>20</sup>

Observa-se na fala do senhor Luís Antônio que para os catraieiros era necessário que se fizesse algo, mas logo no início não era consenso uma paralisação, mas depois de várias reuniões com os membros cooperados e com a intervenção de autoridades e comerciantes de ambos os lados, tanto brasileiros como guianense foi decidido que teria que haver uma paralisação para chamar a atenção das autoridades para o problema, foi ai que ocorreu o movimento, conforme narra o entrevistado:

O Luiz da Lunai colocou sua balsa lá em gente o Saint George e a outra ficou em baixo da ponte, e ai a gente só deixava passar em caso de emergência, se tivesse doente, essas coisas assim, leva o doente transporte né, mas de outras embarcação a gente não admitia, assim que levasse passageiro, porque nós abordamos alguns barcos que iam com o porão cheio de passageiros para Saint George, então a gente impedia que esses barcos né, navegasse, chegasse até Saint George, e quando foi no dia seguinte aconteceu né, o acidente lá na frente de Saint George, o rapaz veio a óbito, duas canoas se chocaram e por esse motivo chegou a notícia lá com o governo da Guiana e a gente tava fazendo essa manifestação e uma das causas era por causa dos problemas que a gente tava enfrentando com a PAF, então quando ele soube que tinha acontecido esse acidente lá na frente de Saint George, por causa, exatamente desses problemas deles, ele se preocupou, ele tava na França, ele tava em Paris, no dia em que aconteceu esse acidente, ele ligou imediato pro vice né, vice governador da Guiana que reuniu-se toas as autoridades da Guiana inclusive o chefe de polícia e nesse resolve a situação, foi que eles chegaram pela parte da tarde e seis horas da tarde, nós entramos na prefeitura pra discutir o assunto, o assunto de San George pra resolver os problemas lá, foi que chegou a uma conclusão, um acordo verbal né, que eles iam né, determinar uma área onde os brasileiros iam poder circular livremente, mas que os brasileiros tinham que ir lá com seus documentos identidade tudo, então foi decidido né, essa situação de lá, essa determinada área onde a gente pudesse circular no comercio lá, e isso ai aconteceu, tudo bem, resolveu, minimizou o problema, ele definitivo não acabou, minimizou o problema, eles sempre abordavam os brasileiros lá, se tu apresentar a identidade tudo bem prossegui a ficar à vontade, mas tu não tiver documento ele ti levavam, então se eles suspeitarem que teria algum problema com a polícia, ai eles te levavam pra lá, pra investigar, pra vê quem é você, se você tem algum problema na polícia ou não, ai isso ai tudo bem maneirou, ficou melhor pra nós os brasileiros voltaram a andar em San George. (Informação verbal)<sup>21</sup>

Neste trecho da entrevista Ratinho disse que autoridades foram chamadas de Saint George e da Guiana e fizeram uma grande reunião para chegarem a um acordo, após horas

---

<sup>20</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

<sup>21</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

tensas de discussões se chegou a um acordo verbal que seria liberado os brasileiros para circular dentro de Saint George desde que eles depois teriam que tirar uma carteira transfronteiriça e que os catraieiros não seriam mais revistados ao aportarem na orla da cidade. Mas Ratinho relata que um fato ficou marcado nessa paralisação no dia dez de janeiro de 2012, segundo ele durante a madrugada duas catraias se chocaram e um catraieiros o senhor Bruno Tavares da Costa, conhecido como catraieiro Bruno, membro da Associação de Catraieiros da Vila Vitória, caiu nas águas do rio Oiapoque e ficou desaparecido, várias buscas foram realizada durante a madrugada e, somente ao amanhecer, encontraram o corpo do catraieiro.

Fato determinante para que o movimento acabasse. Passados três anos de muitas lutas, de reuniões em Macapá, entre idas e vindas aos órgãos estaduais e federais, somente o Senador Randolfe deu uma força, mas não passou disso mesmo. Enviamos documentos e projetos para os deputados federais e senadores, para os senadores e até mesmo para a presidência e não tiveram resposta a título de compensação caso a categoria tivesse o fim das atividades de catraia em Oiapoque com a inauguração da Ponte que liga as duas cidades. O único fato concreto que os catraieiros tiveram pós-paralisação foi o acordo com o governo francês, que melhorou um pouco a situação na fronteira, no que se refere ao transporte de passageiros, para eles o serviço melhorou bastante e a demanda dos passageiros que voltaram a frequentar, a visitar San George, este foi um ponto positivo de aproveitamento sobre a manifestação.

As organizações cooperativas, como associações e empresas, confrontadas com a problemática das transformações, exigem de seus associados conhecimentos, capacidade de articulação, identificação coletiva e responsabilidade social. Assim, podem constituir-se em importantes núcleos regionais de capital social. Além, é claro, de permitirem uma acumulação cooperativa de capital ou de recursos materiais, sob controle democrático. As práticas de controle democrático nas cooperativas, além da sua expressão como força e poder, constituem-se em um privilegiado campo de educação, de formação e qualificação dos associados. (FRANTZ, 2012, p,50).

Continuando a sua entrevista o senhor Luís Antônio afirma que mesmo com a carta transfronteiriça, o que melhorou bastante a situação da migração garantiu a segurança do trabalho dos catraieiros; este afirma:

[...] ai surgiu o projeto da carta Transfronteiriça que hoje tá funcionando, melhorou bastante , sempre eles fazem abordagem lá, pegam brasileiros que não tá fazendo nada, não tá comprando nada, eles pegam se tu não tem a carta eles pegam, depois

expulsam, porque tu não justifica o que tu tá fazendo lá né, tem alguns mesmo que não justifique eles levam para averiguar, ainda causa um pequeno problema, já o problema nosso com o governo brasileiro, que as compensações que a gente tava cobrando do governo federal, nunca foi resolvido. A gente parou a greve no mesmo dia por causa da morte do rapaz, a suspendemos a greve, a manifestação, porque todo mundo ficou chocado, foi uma situação ruim pra gente, eu fui um que não aceite, mais que suspendesse, que desse pra rir ou desse pra chorar, a gente tinha que suspender por causa do rapaz que faleceu, afundou e até aquele momento não tinha sido encontrado, a gente ficou preocupado, a gente suspendeu a greve e depois que tudo aconteceu, que acabou a manifestação a gente foi buscar assim, tentar buscar recurso através dos políticos né, fomos fazer uma reivindicação entre todos os políticos do estado do Amapá, começando pelos deputados estadual, governo, superintendência do ministério do trabalho,, chegamos até Brasília, então a gente lutou muito, a gente passou uns três anos lutando, reivindicando com documento oficializado pelo ministério do trabalho em Brasília, Itamarati, pelo senado, câmaras federal, todos, a gente só não chegou a ir até o palácio do presidente, não chegamos a ir com o presidente da república, mas em todos os órgão federal em Brasília a gente reivindicou através de documento, protocolava documento, reivindicando, contando a história através de vídeo que a gente gravou né, das catraias né mas quantidade e dizendo como ficaria depois da ponte, a gente não ia ficar desamparado, a gente fez projeto, a gente fez proposta, então foram três anos, não tivemos resposta de nada até hoje, o único político que faz o “h” buscando alguma coisa, algo na forma de compensar a gente, foi o Randolfe, mas isso não passe de uma promessa, então até hoje a gente não conseguiu nada, o que ocorreu ainda um desentendimento entre nós e a polícia que depois causou um problema pra nós, mais o negócio já foi resolvido, mas sobre as questões do nosso problema das compensações nada foi resolvido, então o que a gente lucrou um pouco com da situação foi só o nosso acordo lá com o governo francês, que melhorou um pouco pra nós, isso aí melhorou bastante a demanda dos passageiros que voltaram a frequentar, visitar San George, então foi teve um pouco sim de aproveitamento sobre a manifestação, mas ao nosso foi zero. (Informação verbal)<sup>22</sup>

No trecho a seguir o senhor Jose de Ribamar conhecido entre os catraieiros como “Girico” conta a sua versão sobre o movimento, confirmando o que já foi narrado pelo senhor Jose Antônio:

É esse movimento que nós fizemos no dia nove de janeiro de dois mil e doze na paralisação do rio foi pra que pudesse ajudar a população que estava sendo apreendida, que estava sendo prejudicada na chegada lá em San George, porque estava faltando o direito de ir e vir, então essa, esse que foi um dos principais motivos que nós fizemos esse movimento de paralisação, essa greve no dia nove de janeiro de dois mil e doze, foi pra que a gente adquirisse o direito de ir e vir em San George sem que fosse necessários ser preso pela polícia de fronteira lá no município de San George, porque a situação que estava ocorrendo é que a população que não tinha documento de San George da Guiana Francesa, na hora que a gente ia chegando nós catraieiros ia chegando com o passageiro em San George a polícia já estava a bordo do rio e identificava, se não tivesse o documento já ia levando lá pra PAF, ficava com essa pessoa detido duas, três horas e depois expulsava, então isso estava havendo um grande constrangimento com a população nossa do município do Oiapoque a outra foi devido eles terem liberdade no Oiapoque e nós não termos liberdade lá no município de San George, esse foi o principal motivo desse movimento do dia nove de janeiro de dois mil e doze”. (Informação verbal)<sup>23</sup>

<sup>22</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

<sup>23</sup>Jose de Ribamar de Souza Brito, conhecido como Girico, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

De acordo com o entrevistado o movimento que culminou com a paralisação no dia 9 de janeiro de 2012, foi uma luta em defesa do principal direito do ser humano que é o direito de ir e vir que estava sendo violado por normas estabelecidas pelo governo Frances que impedia a chegada de qualquer cidadão brasileiro na Guiana Francesa sem que este passasse por rigoroso processo de fiscalização, o que dificultou a chegada de muitos brasileiros ao outro lado da fronteira, onde as duas cidades tem intensas ligações, pois uma depende da outra, tanto no que diz respeito ao comercio, como de outros setores econômicos que foram prejudicadas por esta proibição.

#### **4.1 O Fortalecimento do Movimento dos Catraieiros Através do Apoio da Sociedade Civil Organizada.**

Neste tópico mostra como o movimento dos catraieiras foi importante para o fortalecimento da organização dos trabalhadores da categoria, vale ressaltar que unidos o povo é mais forte e as conquistas são mais evidentes. Observa-se, portanto, que a união dos movimentos forma de grande relevância para o fortalecimento do movimento conhecido como a revolta dos catraieiras no Rio Oiapoque.

Perguntamos se o movimento teve apoio de outras associações, que tipo de apoio vocês tiveram e quais foram essas associações. Luiz Antônio Lobato da Silva (Narrativa) responde que:

Sim, a gente teve sim, inclusive todas as entidades de transporte do município de Oiapoque e incluindo também a de San George, todas nos deram apoio e, a ACOI, a Associação Comercial, a Cooperativa dos Taxis e a Associação dos Comércio de San George também foi uma das que deu apoio pra gente, e várias associações, todos que estavam, os vereadores também nos deram apoio, o prefeito Agnaldo também que foi um dos envolvidos que deu muita força pra gente fazer essa manifestação e, teve também o apoio da imprensa, então todas entidades do município de Oiapoque, eles assinaram com a gente dando apoio né, pedindo apoio também para as autoridades que nós fomos doze pessoas que assinamos o documento oficializando as autoridades, então todas essas doze pessoas eram representantes de entidades do município do Oiapoque, então eu acredito que a única associação que não nos deu apoio foi a de pescador, mas as outras todas nos apoiaram a de Moto taxis, Taxistas, Comerciantes, imprensa todas nos deram apoio no município de Oiapoque, só os pescadores que não deram apoio. (Informação verbal)<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.



Enquanto que José Ribamar de Sousa Brito afirma na sua entrevista que:

Nós catraieiros, as entidades catraieiros nós tivemos apoio dos companheiros de toda a área de transporte, como os moto-taxistas as entidade moto-taxistas, tivemos da Associação Comercial, tivemos também do Sindicato dos Taxistas, da Lunay a balsa da Lunay que nos deu apoio integral, é toda assistência até o final da nossa reivindicação, a prefeitura do município de Oiapoque na época também nos deu todo apoio na época do Prefeito Aguinaldo, e isso ai foi uma grande ajuda que nós tivemos. Pagaram um preço, assinaram por nós, pela nossa classe catraieiras também para nos defender, o Sindicato dos taxistas também, então, todas essas entidades de transportes e também da Associação Comercial a gente ficou devendo inclusive quem foi muito penalizado por isso, foi na época, mais penalizado foi a Lunay o Luiz Ataíde e depois já fora do mandato foi o Aguinaldo como ex-prefeito ainda foi penalizado e pagaram um preço por nós catraieiro, então a gente deve muito isso a todas as entidades que nos ajudaram e nos deram esse apoio, isso pra nós foi muito gratificante esse lado que eles colaboraram conosco. (Informação verbal)<sup>25</sup>

O movimento de paralisação recebeu apoio de todas as entidades de transporte do município de Oiapoque e, até mesmo algumas associações de Saint George. Além do setor de transporte os catraieiros receberam apoio de várias associações de outros setores como a Associação Comercial e a Imprensa, o movimento também recebeu total apoio da prefeitura de Oiapoque. Sem dúvida a união entre essas entidades foi o que deu força e sustentação para que o movimento ocorresse, apesar de que houve perdas, algumas pessoas tiveram que responder na justiça, houve a perda de um companheiro, mas houve acordos entre a polícia francesa e os manifestantes a classe catraieira onde até os dias atuais são colhidos esses frutos, exemplos: é a carteira transfronteiriça que dar ao morador do município o direito de entrar em Saint George.

A Interooperação ou Cooperação entre Cooperativas potencializa a nível macro a cooperação intra-organizacional inerente às cooperativas. Segundo a ACI (2003), “as cooperativas servem de forma mais eficaz os seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, através das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais”. (CANÇADO, GONTIJO, p, 13).

A união entre as cooperativas e de outros segmentos da sociedade civil organizada, foi um dos principais fatores que garantiram o crescimento e o alcance dos objetivos do movimento, pois com isso o movimenta representa o interesse de todos os envolvidos direta e indiretamente pois a volta do fluxo de pessoas contribui pra todos os setores da economia do município.

---

<sup>25</sup>Jose de Ribamar de Souza Brito, conhecido como Girico, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

## 4.2 Os principais pontos positivos e negativos do movimento: antes e depois do movimento

Com o fim da revolta dos catraieiros é possível apurar os resultados das conquistas obtidas por meio desta organização, neste sentido diante da pergunta: quais os pontos positivos e negativos que ocorreram antes, durante e depois da paralisação? O Luiz Antônio Lobato relata da seguinte forma:

É bom é começando e antes da manifestação o que trouxe de positivo pra gente foi a união da classe, naquele dia toda classe estava unida lutando pelo mesmo objetivo né, ai a outra o ponto negativo né, que foi a morte do rapaz que foi um ponto negativo que ofendeu muito a gente, bem quando passa, passou a manifestação e essa a manifestação ela chamou muita a atenção dos políticos, porque eles viram o movimentos, eles viram a quantidade de pessoas que nós éramos, então veio o ponto positivo sobre o acordo em San George com os políticos que lá estão, são políticos e os pontos positivos que a gente imaginou que seria ponto positivo que os políticos se manifestaram, então inclusive na noite da manifestação foi dois políticos até lá na balsa com a gente né, e com promessa dizendo que tava ali porque tavam apoiando a gente e que iam lutar lá fora pela gente, foi, era o senador dois deputados estadual e federal, era o senador era o Bala Rocha, Davi Alcolumbre, passaram com a gente lá passaram com uma conversa com a gente lá esse foi um doa pontos positivos pra gente se manter lá, bom quando eles saíram de lá saíram com promessa que iam lutar pela gente então depois que passou a greve e a gente fez e chegamos a fazer até uma audiência pública convocamos os deputados e vieram até o Oiapoque foram que a gente considerou positivo que a gente estava confiante que eles iam ajudar a gente, não foi só uma, na verdade foram várias reuniões que eles tiveram com a gente, chamaram a gente em Macapá, depois desse movimento e tiveram uma reunião itinerante também aqui em Oiapoque, se eu não me engano foi em setembro do mesmo ano de dois mil e doze, aonde eles garantiram que iam criar um fundo e tipo assim, um seguro pra gente né, pra que a gente pudesse receber todo mês no período de três anos que seria um valor de Mil Reais por mês, num período de três anos, que seria uma forma de compensação pra gente na época ia ficar desamparado, então a gente achou que tudo isso seria positivo. (Informação verbal)<sup>26</sup>

Para os catraieiros houveram mais pontos positivos que negativos, pois o movimento além de mobilizar o poder público em todas as esferas de governo, seja municipal, estadual e até mesmo federal, possibilitou que se estabelecesse um acordo de circulação de brasileiros na cidade de Saint-George, com regras mais brandas e a criação da carteira transfronteiriça que qualquer brasileiro pode ter acesso que dá direito de circular livremente na Guiana francesa, esse documento foi uma das grandes conquistas do movimento, além disso os catraieiros puderam retornar as suas atividades, sem ser interferido pela polícia consequentemente tem seu trabalho garantido.

---

<sup>26</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho.

O senhor Luiz Antônio Lobato relata na sua entrevista que assim como houve pontos positivos houve também pontos negativos onde este coloca as promessas realizadas por políticos que até o momento não foram concretizadas e caiu no esquecimento conforme trecho de sua fala a seguir:

[...] Mas na verdade os tempos se passaram e isso aí se apagou, apagou da memória, porque no papel acredito que não tava, seria só mesmo verbal e foi apagando, foi, foi e até que eles abandonaram nós, todos abandonaram, inclusive acho que tu lembra que até o Ministro do Trabalho chegou até numa audiência pública com nós, com promessas e isso pra nós foi motivo de alegria, a gente tava confiante que nós ia guardar algo, por que imagina o ministro vim lá de Brasília, inclusive que a gente sabe que ele não veio exclusivamente só para nossa reunião, mas ele tinha que passar no Oiapoque, porque a gente tinha mandado um ofício através dos representantes e ele garantiu que vinha nessa audiência pública com nós, como ele veio né, e na verdade todo esse tempo passou e não houve nem um ponto positivo né, da parte dos políticos, acabou todos esses anos nós já estamos em dois mil e dezesseis e os políticos não fizeram nada, foram muitas promessas, inclusive quando nós fomos lá no Ministério do Trabalho em Brasília, prometeram que iam fazer algo por nós que teria entendido, uma forma de nos ajudar, i ai o Ministro saiu do poder, trocou de ministro, os tempos se passaram trocou de presidente, trocou de governo, governo também no estado do Amapá Valdez Góes que era na época governador prometeu também de nos ajudar [...] (Informação verbal)<sup>27</sup>

Neste trecho da entrevista pode-se observar a dimensão que o movimento alcançou onde houve intervenção do presidente da república da época que se manifestou a favor dos catraieiros e veio até Oiapoque e conversou pessoalmente com os membros do movimento juntamente com o governador do Estado

Chegamos a conversar também com o presidente Lula, teve aquele encontro com o Fernando Henrique em San George e ele conversou com a gente ali em frente o monumento, ele também falou de nós não ia ficar desamparado, inclusive ele falou pra mim e mais uns colegas que estava lá, falou “olha companheiro catraieiros não se preocupe que vocês não vão ficar desamparados, eu já conversei com o governo do estado Valdez Góes”, ele estava bem ao lado dele né, “eu já conversei com ele, já falei pra ele que é pra ele fazer por vocês, então vocês não vão ficar desamparados, não se preocupe”, então a gente ficou confiante, entendeu nessas colocações, nessas palavras do presidente e isso teve um colega até que gravou lá, só que eu não sei se ele talvez tenha, ele deve ter perdido, a gente ficou confiante então a gente correu em cima do governador, quando a gente chega lá com o governador, desdobro, ele disse não, o que o presidente me falou foi que era pra mim fazer era um projeto de um ponto pra vocês né, onde vocês pudesse trabalhar com turismo, um ponto bonito para vocês encostarem, diga nos governador, se nós já vamos sofrer um impacto com a ponte, porque não vai ter o cliente pra nós carregar, essa porto vai servi pra que, não vai trazer recurso nem um pra nós, porque a gente quer uma compensação sobre o impacto que a ponte vem trazer pra nós, não adianta construir um porto

<sup>27</sup>Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

bonito, ai um androviário bonito, ai pra gente encostar se a gente não tem o passageiro pra carregar, a gente quer uma compensação entendeu, que venha ajudar a gente a desenvolver outra atividade, não mas o projeto que o presidente passou pra nós foi esse, eu não posso fazer nada, o estado não pode fazer nada, não teve progresso nem um, não teve nem um tipo de compensação, as promessas foram de água abaixo, então hoje a gente trabalha da mesma forma que a gente vinha trabalhando, graças a Deus que não inaugurou cem por cento, trabalha com nossos próprios recursos e a gente nem espera mais anda de políticos, entendo a gente já tá buscando desenvolver um outro negócio, planejar outras coisas pra gente, fazer após a abertura da ponte, político é negativo não tem nada a esperar nós de políticos. (Informação verbal)<sup>28</sup>

Para o Senhor José de Ribamar o principal ponto deixado pelo movimento foi a união da categoria e o reconhecimento de que quando todos se unem o movimento se torna mais forte e a luta ganha mais força, nesse sentido Amaral (2009) afirma que a participação, a solidariedade, a cooperação em torno de objetivos comuns, têm sido fundamentais para assegurar melhores condições de vida. Essa prática, mais do que uma forma de organização, é uma construção e uma conquista social.

Dando continuidade à sua fala o Senhor José de Ribamar afirma:

Antes desse movimento nós catraieiros nós tínhamos, nós não estávamos nos unidos de forma adequada, nós não tínhamos aquele vinculo de companheirismo, nós estávamos um pouco ausente um do outro nesse ponto em termo de companheirismo, mas no dia, quando nós formamos o movimento toda classe catraieira e todos os que participaram e assinaram pelo nosso movimento compartilharam de forma integral, pagaram um preço, como, ninguém furou o bloqueio, todas essas entidades que assinaram não furaram o bloqueio, nos acompanharam do início até ao final, foi uma união total no período do movimento é onde tiveram também senadores na época e o Deputado Bala, na época e o Deputado Davi Alcolumbre, também nos deram apoio no dia do movimento e, depois do movimento tivemos mais êxito foi porque foi fechado pra que eles afastassem um pouco a presença da polícia francesa a bordo do rio no momento que o passageiro desembarcassem, isso já foi depois do movimento, porque nós fizemos o seguinte: se eles não aceitassem nós não íamos parar o movimento, mas ouve a conversação e eles aceitaram na época em dá esse apoio, afastaram a polícia francesas, com essa identificação, com essa proibição que passageiro chegasse a San George somente com a identificação, então isso depois melhorou muito pra nós, além disso foi a discussão da carteira transfronteiriça que eles acharam melhor confeccionar uma carteira transfronteiriça para quem morasse no município de Oiapoque, isso foi bom, foi discutido em várias reuniões lá na Guiana Francesa, lá na cabeça da ponte em San George é com autoridade brasileiras, autoridades francesas a onde eu também participei dessas discussões na época eu como presidente da cooperativa e nós lutamos e graças a Deus tivemos êxito, com essa carteira transfronteiriça, validada por dois anos a carteira ai renova, outra também que deu ponto positivo após o nosso movimento foi o Conselho do Rio que foi formado o Conselho do Rio por dezesseis conselheiros do lado do Brasil e dezesseis conselheiro do lado francês, e que a gente pudesse discutir alguns assuntos em melhoria das duas fronteiras, isso até hoje ainda

---

<sup>28</sup> Luiz Antônio Lobato, mais conhecido como Ratinho, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

existe o Conselho do Rio e vamos alavancar mais o Conselho do Rio pra que a gente possa melhorar e dar apoio a população de ambos os lados, isso foi o que ocorreu de melhor para as duas fronteiras. (Informação verbal)<sup>29</sup>

Para ambos os representantes das cooperativas de catraieiros o movimento fortaleceu a categoria, fez com que a união fosse predominante no movimento. Percebeu-se que a categoria procurou se ajudar e principalmente respeitando uma decisão em prol dos cooperados.

A implantação da carteira transfronteiriça e a liberação da área de livre comércio entre a fronteira fez com que o movimento não fosse um fracasso. A baixa de um catraieiro e o não apoio por políticos de ambos os lados talvez tenha sido a grande frustração dos catraieiros que esperavam maior apoio. Principalmente pelos políticos brasileiros que estiveram no dia do movimento participando das negociações e prometendo total apoio ao movimento. Os catraieiros chegaram a ir em Brasília e se reuniram com o ministro do trabalho e contaram todo o drama que eles estavam passando com a preocupação da extinção do serviço de catraia no rio Oiapoque. O ministro veio ao Oiapoque e prometeu regularizar a situação com uma possível compensação.

Ainda segundo relato dos presidentes até o Presidente Luís Inácio Lula da Silva veio ao Oiapoque e conversou com eles, em uma das palavras do presidente e diz: *“olha companheiro catraieiros não se preocupe que vocês não vão ficar desamparados, eu já conversei com o governo do estado Valdez Góes”* (informação verbal)<sup>3</sup> e logo em seguida afirma aos presentes que: *“eu já conversei com ele, já falei pra ele que é pra ele fazer por vocês, então vocês não vão ficar desamparados, não se preocupe”* (informação verbal)<sup>3</sup>, o que naquele momento foi como se tudo fosse resolvido. Infelizmente nem tudo foi do jeito que prometera o presidente, anos se passaram o ministro foi exonerado, o presidente terminou o seu mandato e tudo voltou a ficar como antes. Para muitos o movimento foi bom porque voltou a harmonia entre a fronteira e os policiais franceses ficaram mais flexíveis, outros desacreditados com o problema e com receio da ponte inaugurada acabar com o serviço de transporte procuraram se qualificar e entrar em outro mercado de trabalho migrando para outras atividades dentro do município, e uma coisa ficou clara para todos os catraieiros que os político foram o ponto negativo e que eles não tem nada a esperar da classe política.

---

<sup>29</sup>Jose de Ribamar de Souza Brito, conhecido como Girico, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

O cooperativismo veio para contrapor as desigualdades provocadas pela livre concorrência e exploração de mão-de-obra, hoje o que se vê e cooperativismo como forma de inclusão social, ou grupo de pequenos se torna grande quando formam uma cooperativa e a cooperativa concorre no mercado com as grandes corporações. (SALES, 2010, P,10).

No que diz respeito a participação das autoridades no movimento foi entrevistado o então prefeito na época o Senhor Aguinaldo Rocha o qual respondeu o seguinte questionamento: qual foi a participação da prefeitura de Oiapoque e do prefeito Agnaldo Rocha, no movimento antes, quando tava sendo tudo elaborado pra que isso acontecesse? O mesmo respondeu:

Pelas questões da, dessa situação e desses quase conflitos, desses problemas que sempre existiu que nós quase não podemos descer lá no San George na época a situação era muito pior, os catraieiros resolveram fazer o fechamento do rio Oiapoque e logicamente a gente tando na administração pública do município de Oiapoque, nos procuraram, não só os catraieiros, mas as outras classes do município, as outras categorias pra que a gente tomasse pé da situação e desse o apoio e, a prefeitura também abraçou a causa, que era uma causa do município, do povo aqui da fronteira, de nós brasileiros, e tratamos do assunto. Reunimos diversas vezes no gabinete da prefeitura, muitas vezes no escritório da associação comercial aqui junto com a CONFCOI também. E de lá formalizamos e fomos correr atrás da legalidade a uma greve que nós está reposicionando com relação a uma greve e logicamente pra que uma greve se fosse legal tivemos que constitucionalizar essa greve, pra poder as coisas andarem e, fizemos isso, foi um trabalho intenso nosso e tenso também porque já existia quase um conflito entre brasileiros e os órgãos fiscalizadores, no caso, a polícia de Caiena, da França, o Gerdaimme, enfim os outros órgãos fiscalizadores. E nisso aí pendurou por quase uma semana, nós correndo, informando os órgãos que ia acontecer a greve, informamos a Policia Federal, o ministério público, mandamos pra se não me engano até a Justiça Federal, mandamos até a justiça Federal pra que eles pudesse e organizar a greve e demos início a greve devido esse conflito que nós não podíamos entrar lá em Saint George. (Informação verbal)<sup>30</sup>

Quando perguntamos ao ex-prefeito Aguinaldo no dia do movimento, no que aconteceu o movimento de paralisação qual foi a participação da prefeitura e do prefeito? Este nos informou que:

Primeiro nós tivemos que ficar na frente juntos com os catraieiros devido alguns questionamentos que existiam nessa questão da travessia e também e, nós fomos incumbido de dar apoio logístico a essa, a esse questionamento e esse trabalho, a essa greve que foi feita, que não foi só um, dois, foi quase três dias e, no entendimento que nós achamos que no entendimento policial da polícia federal que diretamente atuou praticamente contra nós naquele momento e nós verificamos que eles imaginavam que nós queríamos fechar o rio todo, mas não, nós estávamos trabalhando uma parte do rio oitenta por cento, setenta por cento do rio, que era a parte constitucional da greve, parte da legalidade e nisso aí quando que há conflito também já entre nós brasileiros que era os catraieiros as outras, as outras categorias presentes devido a polícia federal intervir junto nós e a posição dos catraieiros naquele momento da, dos catraieiros envolvidos na greve era que a polícia federal

<sup>30</sup>Raimundo Aguinaldo Chagas da Rocha, ex-prefeito do município de Oiapoque

nos dá uma sustentabilidade de trabalho e também nos ajudar da um apoio, nos ajudando e na realidade não era isso que tava acontecendo, ai quase, ainda há um conflito mais forte. Houve um debate muito forte lá na Vila Vitória, aqui debaixo da ponte também, mas foi tudo calmo naquele momento, lá sentamos e conversamos com todo mundo, conseguimos acalmar os nervos que na realidade todo mundo tava com aquela adrenalina a mil, com aquela situação toda que a gente não podia mais lá do outro lado, que lá a Gerdammeri prendia e expulsava, passava um dia, dois dias preso e depois expulsava sem o direito de ir mais lá do outro lado, e os catraieiros, como alguns brasileiros tem alguns serviços lá dentro mesmo, eles não tendo a documentação, mais existia esse trabalho a ser feito lá dentro que era o pão de cada dia de cada um desses, dessas pessoas que tavam no dia a dia em San George e, com isso nós provocamos a justiça e os órgãos fiscalizadores e dá Guiana Francesa e diretamente de Caiena, e eles viram que realmente, que alguns deles sensibilizaram de que essa relação de cooperação aqui na fronteira deveria existir e acabou que nós conseguimos fazer uma grande reunião, mais antes disso quero dizer que nós tivemos uma baixa muito grande, tivemos uma perda de um amigo nosso, um colega nosso de trabalho que isso foi a marte da, da nossa greve, e teve também, criou-se a sensibilidade do outro lado de vir nus dá o apoio, e foi mais ou menos assim que nós trabalhamos dentro da greve, a o corpo da administração pública de Oiapoque a PMO. (Informação verbal)<sup>31</sup>

Neste trecho da entrevista o ex-prefeito afirma que deu todo o apoio necessário a categoria e que esteve junto aos catraieiros do início ao fim do movimento, dando forças para que o movimento acontecesse pois estava certo de que todos seriam beneficiados com o resultado, este afirma ainda que esteve presente em reuniões com as autoridades francesas e brasileiras em defesa do movimento.

Quanto aos benefícios que o movimento trouxe para o município, diante da pergunta Após o movimento, quais foram os benefícios e quais foram as perdas? O mesmo afirma que:

Nós fizemos, nós fizemos o contato com as autoridades da Guiana Francesa, com o prefeito e o governador né, com o maire (prefeito) de lá, também, que é a prefeita de lá e enfim os outros órgãos fiscalizadores pra que eles pudesse vim até aqui a San George ou até aqui na administração do município de Oiapoque pra que a gente pudesse fazer essa tratativa para que nós pudesse se organizar novamente e colocar os catraieiros pra trabalhar, por que na realidade os catraieiros pra nós eles naquele momento e até hoje eles servia de um, de um, uma ida e retorno das economias tanto da Guiana Francesa como de Oiapoque, e tava, nós tava no momento de paralisação tanto o município de Oiapoque sofrendo tanto como o povo de lá também sofrendo e, ai foi quando veio uma equipe de Caiena. Primeiro veio o presidente do Conselho Regional que inclusive era um amigo nosso Rodolfo Alexsander primeiramente veio e foi a do movimento pra conversar comigo, na realidade eu era o representante daqui do povo daqui, eu era o representante daqui do povo daqui eu era o prefeito. Conversamos e se organizamos pra essa grande reunião, que logo em seguida houve essa grande reunião e de lá nós tratamos todos os assuntos da forma como que eles poderiam chegar aqui, adentrar no nosso município e nós brasileiros morando aqui na fronteira não podíamos adentrar no San George, então isso foi combinado entre nós, foi acordado entre nós de que a gente poderia caminhar no San

---

<sup>31</sup>Raimundo Aguinaldo Chagas da Rocha, ex-prefeito do município de Oiapoque, em entrevista concedida em sua residência no município de Oiapoque.

George até Cento e cinquenta quilômetros e isso veio a acontecer logo depois, isso foi um acordo verbal não houve assinatura dos acordos, porque na realidade teria que criar uma lei, teria que passar lá pra Paris né, e com isso nós aguáramos todo o tempo possível para que isso viesse a acontecer e realmente veio acontecer inclusive, e nus trazendo pra nós dentro dos acordos uma carteira transfronteiriça que é quase como se fosse a carta de seju de lá, que nos permite a andar lá em San George sem nem um problema, pra quem essas pessoas que tem a carteira que é pra realmente essas pessoas que moram aqui na fronteira que mora aqui no município de Oiapoque. Eu acho que isso foi um ganho nesse momento também, porque o povo nosso, pode passar a trabalhar em San George porque naquela época nem isso poderia mais e também, eu acho que como tem a lei da reciprocidade se que essa lei e uma lei de fronteira, nós aqui pra, pra nós não existia isso, porque não tava mais podendo adentrar no San George e ela passou a existir e eu vejo que se as novas administrações que depois de mim tão passando e passaram se cuidasse disso, eu tenho certeza absoluta que esse não só a ida e volta, mais os intercâmbios de cooperação técnica tava muito bem avançada dentro do municio, dentro do município e dentro da nossa fronteira aqui no Oiapoque, San George e Guiana Francesa. (Informação verbal)<sup>32</sup>

O apoio da prefeitura e foi muito benéfica ao movimento, pois através do então prefeito na época o senhor Agnaldo Rocha, que foi muito sensível ao movimento, foi possível viabilizar muitas coisa, pois ele como autoridade pública tinha acesso às autoridades do lado Frances e com isso fez as mediações necessárias para que fossem atendidas as reivindicações do movimento.

---

<sup>32</sup>Raimundo Aguinaldo Chagas da Rocha, ex-prefeito do município de Oiapoque



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate de fatos históricos são sempre de grande importância para a memória de um povo, portanto, esta pesquisa tem um papel fundamental no resgate da história de um importante fato ocorrido no município de Oiapoque que marcou a vida de toda a população, trazendo conquistas onde a principal delas foi a garantia do direito de ir e vir de todo o cidadão.

O objetivo deste trabalho foi de fazer o registro histórico desta revolta que tem um importante marco na história do município de Oiapoque e ainda da vida de cada participante do movimento, pois observa-se que através deste acontecimento os catraieiros conseguiram retomar suas atividades sem serem perseguidos pela polícia francesa e a economia local teve sua retomada, pois o impedimento da atividade dos catraieiros afetou diretamente a economia local nos mais diversos setores.

De modo geral o movimento que culminou com a revolta dos catraieiros em 2012 no rio Oiapoque teve origem desde o ano de 2007 com o início da construção da ponte binacional que liga o município de Oiapoque a cidade de Saint George de l'aoiapock na Guiana Francesa, quando a polícia francesa intensifica a fiscalização na fronteira limitando a entrada de migrantes na Guiana, com isso, muitas pessoas não puderam mais fazer o trajeto o que acarretou na queda da economia local que em grande parte é movimentada pelo fluxo de migrantes, diante do ocorrido a sociedade civil organizada como cooperativas, associações juntaram-se em apoio aos catraieiros para chamar a atenção das autoridades para a situação.

Com isso, em janeiro de 2012 após o impedimento de passageiros desembarcarem no porto de Saint George, o movimento dos catraieiros, decidiram interditar o rio Oiapoque, principal acesso as duas cidades da fronteira até que houvesse alguma manifestação por parte das autoridades públicas para que esta situação fosse solucionada.

A partir desde movimento houve manifestação do poder público tanto das autoridades brasileiras quanto da francesa, chegando a um acordo que possibilitou a retirada de um documento conhecido como a carteira transfronteiriça para que todo morador de Oiapoque tenha livre acesso a cidade de Saint George. Considera-se portanto, uma grande vitória obtida pela população através deste movimento.

O cooperativismo e o associativismo abordados nesta pesquisa deixa claro que a sociedade civil organizada, sempre ganha mais forças na luta por seus direitos, neste sentido a revolta dos catraieiros que teve seu ponto máximo em janeiro de 2012, teve suas conquista

alcançadas graças a apoio de toda a comunidade através das associações e cooperativas de Oiapoque.

Diante do exposto esta pesquisa quer deixar registrado estes fatos para que possa contribuir para a memória histórica do povo de forma que as futuras gerações conheçam a luta dos catraieiros e saibam através da história como era a relação de diplomacia entre as duas cidades da fronteira e que esta luta possa inspirar futuramente para que todos saibam que através da sociedade civil organizada pode-se obter muitas conquistas para o coletivo.

A elaboração desta pesquisa nos proporcionou muitos desafios, pois a falta de fontes para a pesquisa foi o maior deles, com isso a utilização da metodologia da história oral nos permitiu que através de entrevistas com pessoas que vivenciaram os fatos, reunir material consistente para o desenvolvimento deste trabalho. Neste sentido pode-se considerar esta pesquisa de grande relevância para toda a comunidade uma vez que esta reaviva a memória do movimento dos catraieiros e registra os fatos que servirá como fonte para novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, J. **Associativismo e cooperativismo: como a união de pequenos empreendedores pode gerar emprego e renda no Brasil**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.
- AGUIAR, Cristina Silveira; REIS, Carlos Nelson dos. **As Origens do Cooperativismo e o contraponto aos males da metamorfose do mundo do trabalho**. Rev Sociedade em Debate. Pelotas – RJ. Dezembro de 2002.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2º edição. Rio de Janeiro – RJ. Editora FGV. 2004.
- ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL - ACI, **Definição e Cooperativa**. 10/04/2015 (<http://www.coop.org>)
- AMARAL, Inácia Girlene. **Associativismo e Cooperativismo**. - Rev OCB(Organização das Cooperativas do Brasil – 2008.
- CRÚZIO, Helnon de Oliveira **Como organizar e administrar uma cooperativa**. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002, 156 p.
- FRANTZ, Walter. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2012. – 162 p. – (Coleção educação à distância. Série livro-texto).
- KOSLOVSKI, J. P. **O cooperativismo paranaense: progresso e justiça social, Organização das cooperativas do Estado do Paraná**, Curitiba, 1987, 44p.
- LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. **Abordagens Teóricas Sobre o Associativismo e Seus Efeitos Democráticos**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 29 Nº 85. Junho de 2014.
- NASCIMENTO. Oscarito Antunes do. TOSTES, José Alberto. **Oiapoque – “Aqui começa o Brasil”: as perspectivas de desenvolvimento a partir da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa**. 2009
- PINHO, Diva Benevides. **Economia e Cooperativismo**. São Paulo: Saraiva, 1977, 74p.
- ROMARCO, Marcelo Leles; LOPES. Bruno de Jesus; SILVA, Edson Arlindo. **Cooperativismo como alternativa socioeconômica e sustentável de comunidades Amazônicas: O caso da Cooperativa Mista de Produtores Extrativistas do Rio Iratapuru, no sul do Amapá**. Revista Symposium, Lavras, Ed. 18, v. 9, n. 2, p. 136-157 Jul/Dez 2011
- SALES, João Eder. **Cooperativismo: Origens e Evolução**. Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Número I Jan-jun 2010 Trabalho 03 Páginas 23-34. Disponível no site:<http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia>. Acessado em 21/10/18

SANTOS, Lana Patrícia de Matos. **“Catraias” do rio Oiapoque e dinâmicas transfronteiriça franco-brasileira.** XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luiz – MA. 24-30 de julho de 2016.